

As dores e sabores da adoção Tardia



GLAUCY NAIANY CORDEIRO
DE BARROS ARRUDA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

As dores e sabores da adoção Tardia



GLAUCY NAIANY CORDEIRO
DE BARROS ARRUDA



Copyright © Glaucy Naiany Cordeiro de Barros Arruda

Copyright © Viseu

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Editor Chefe: Thiago Domingues Regina

Coordenação Editorial: Giselle Rocha

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação: Fabio Martins

Revisão: Sulamita Siliprandy Sousa

Copidesque: Lucas Reis

Versão digital: Fabio Martins

e-ISBN 978-65-254-2444-6

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Viseu Ltda.

contato@editoraviseu.com

www.editoraviseu.com

E agora somos oito...

Esta obra é uma coleção de memórias e de momentos recheados de muitas histórias, amor, angústia, espera, aflição e expectativas, mas também cheia de muitas emoções. É uma forma de registrar o que vivi e vivo por meio da adoção tardia para que meus dias não passem despercebidos nesta existência...

Dedico este livro ao bom Deus, ao meu esposo e companheiro de vida, Hélder José, e aos meus seis filhos: Gustavo, Guilherme, Naionara, Victória, Ísis Juliana e Anne Mirian.

Prefácio

As dores e sabores da adoção tardia

UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS vivenciadas durante a espera da adoção de quatro filhas, agora registradas como Naionara Maria Barros Arruda, Joelma Victória Barros Arruda, Ísis Juliana Barros Arruda e Anne Mirian Barros Arruda. A escritora, que já era mãe biológica de Gustavo e Guilherme, reencontra o desejo de maternar ao ver sua primeira filha por adoção aos 16 anos em um *site* de busca ativa.

Tal relato traz um pouco da história de vida da escritora, suas emoções, aflições, ansiedades e expectativas, correlacionando sua infância através da experiência de adoção na sua família. Em 1994, sua mãe adota uma criança com dois dias de vida, o filho homem tão desejado pela família. Essa fase de sua vida tornou-se uma lição valiosa de amor e um exemplo concreto da atitude adotiva em seu seio familiar. O aprendizado vindo por meio da adoção de seu irmão foi fundamental para a adoção de suas filhas, uma vivência retratada num viés poético, porém realista, observando aspectos psicológicos, marcados por uma espera denominada “impossível”, mas que, guiada pelas mãos de Deus, se tornou o que já era sentido no íntimo e que apenas faltava concretizar-se: elas sempre foram suas filhas!

Espera-se poder despertar em cada leitor uma reflexão sobre as alegrias, como também as dificuldades, de uma adoção tardia, em especial quando se trata de um grupo de irmãos. Acredito que toda experiência aqui partilhada será de grande ajuda aos pretendentes que desejam a maternidade/paternidade por meio da adoção tardia, mesmo enfrentando medos e entendendo todos os sentimentos que afloram em cada pretendente e são pertinentes ao processo, deseje-se

ressaltar que cada dia vivenciado é uma troca inigualável de experiência e aprendizado.

Quanto ao termo “adoção tardia”, afirmo que nenhuma atitude adotiva é tardia. Todos temos o direito de viver intensamente e com toda emoção cada fase. Quando se fala de amor, nada é “tardio” e, sim, no tempo propício para que seja experimentado cada um dos sentimentos envolvidos, pois, mesmo se tratando de adoção de crianças ou adolescentes, o tempo que nós pais e mães nos propormos a dedicar-lhes a partir de sua chegada parece ser triplicado. Cada segundo é de grande relevância, pois marcas de amor e memórias afetivas positivas curam almas dilaceradas.

Com esta obra, deseja-se fazer brotar nos corações a mudança de olhar quando se pauta a adoção de crianças maiores ou adolescentes, pois essas se encontram em instituições de acolhimento à espera de um lar, à espera de amor, uma referência de família, convívio familiar saudável, direitos esses garantidos e que lhes foram negados, privando-as de viver momentos e fases que não voltam mais e que, certamente, influenciarão negativamente em sua formação pessoal.

Com carinho,

Hélder Arruda

esposo de Naiany Arruda,
pai de Gustavo, Guilherme,
Naionara, Victória, Ísis e Anne.

O começo...

Oi, Vamos começar?

SEGUINDO MEU CORAÇÃO, VOU deixar fluir esta experiência que nos trouxe uma chuva de sentimentos bons e inesquecíveis. Esse relato não segue uma ordem fixa e cronológica; todo aprendizado compartilhado vem das lembranças que fomos colecionando. Escrevo numa fase crucial em que o mundo passa por muitas dificuldades. O ano é 2020; estamos vivendo a pandemia de Covid-19, uma doença que modificou hábitos e pensamentos no mundo todo. Jamais, nem em nossos piores pesadelos, imaginávamos viver... sobreviver a tudo isso.

Foram dias difíceis, o trabalho exaustivo, as cobranças, o medo de tudo que estaria por vir, o medo da morte, (este nunca foi tão iminente), todos esses aspectos fizeram com que eu entrasse numa crise de ansiedade, devido a isso precisei parar por 15 dias para buscar tratamento, retornando em seguida para uma dolorosa batalha contra o maior inimigo que já encontrei em 41 anos de vida, “o vírus”. Todos os eventos foram suspensos, o país inteiro parou por causa da Covid-19, não tive direito à licença maternidade (a mesma foi indeferida pois a idade das minhas filhas era superior a idade máxima em lei que era até 8 anos de idade) agravando ainda mais todas as circunstâncias.

O isolamento social nos colocou à prova da exaustão emocional e da loucura. Havíamos acabado de receber a guarda das irmãs Joelma (com 13 anos), Juliana (com 11 anos) e Mirian (com 9 anos). A audiência de guarda ocorreu em 14 de janeiro de 2020, dia em que as trouxemos para casa; foram intensos os dias de adaptação. Preparamos a casa, o coração, o enxoval... preparamos e esperamos um ano e três

meses aproximadamente por esse momento; pouco tempo depois, iniciou-se a chuva de mudanças ocasionadas pela pandemia.

Nesses dias, recordo-me de ter “parado” no tempo. Foram dias num estado praticamente de pós-parto (sim, existe pós-parto na adoção!), faltavam forças, era o concreto acontecendo, aquilo que tanto esperei e lutei... Um medo tomou conta de mim, incertezas... como se as tivesse parido naquele momento.

Tive o suporte incondicional de meu esposo, companheiro de vida e de histórias. Meu amor conduziu com maestria aqueles momentos tão especiais e vi ele se tornar o melhor pai do mundo.

Não tive licença maternidade, tive trabalho, muito trabalho. Por ser uma profissional da área da saúde e exercer uma função de suporte para a gestão, foi preciso dedicação exclusiva naquele momento em que organizávamos toda a rede de saúde. As aulas das meninas haviam começado, e a alegria e a euforia delas em começar uma vida nova era imensa... tudo tão lindo, e a alegria irradiava os olhos delas. O material escolar impecável à espera de muitos sonhos, desenhos coloridos, tantas histórias que seriam contadas de cada coisa que acontecesse no período da escola. Enfim as aulas começam, dias de ansiedade e muitas risadas, até que chegou março de 2020, e os índices pandêmicos só aumentavam. Consequentemente, as aulas foram suspensas, como medida contra a disseminação do vírus, não sendo retomadas até a data que aqui escrevo estas linhas.

Com o afastamento das aulas, passamos a tê-los 24 horas por dia, num processo de muitas adaptações e com o vírus levando embora muitas pessoas. A contaminação ia aumentando, e o uso de máscaras era obrigatório, medidas de segurança diariamente eram tomadas, cheguei a me isolar por dias aguardando resultado de exame PCR, pois apresentei sintomas suspeitos. Retomei o trabalho tão logo que recebi o resultado negativo. Ufa! Alívio que só quem viveu entende.

Nossa, sem sombra de dúvidas, o ano mais difícil de nossas vidas, muitas foram nossas lutas com as crianças em casa em tempo integral. O estresse era comum, e, nessa fase, alguns estabelecimentos e instituições trabalharam no modelo *home office*. Com isso, Hélder, meu

esposo, foi com todas as crianças para a fazenda. Achemos que lá era um local mais seguro, pois eu necessitava sair e ter contato com muitas pessoas, sendo uma provável via de transmissão para o vírus.

Me desprendi do medo de mãe e fiquei só, enquanto todos tinham ido em busca de um local com menos pessoas. Nesse período, iniciaram as obras da “casa amarela” (nossa sede na fazenda hoje em dia). As crianças passaram a conviver com o pai e com o avô, que enfrentava um câncer raro, Deus foi perfeito até nisso, pois elas puderam conviver e cuidar um pouco do avô, que as acolheu lindamente. Lá viveram dias livres curtindo e explorando os sabores da “Fazenda Boa Vista”, conhecendo as origens da família paterna. Foi um ano de chuvas e todo o pasto estava verdinho, e a obra da casa amarela andava rápido. As crianças viram o avô ir embora aos pouquinhos... Mirian perdeu o medo de andar a cavalo e, aos poucos, elas estavam pertencendo a todos nós. Eu aqui não parava. Pelo contrário, nunca trabalhei tanto, foram dias incansáveis em busca de levar a melhor assistência aos pacientes com covid, enquanto protocolos médicos eram discutidos e rediscutidos, respiradores eram cotados e comprados, tudo isso num ritmo frenético, pois a pandemia estava a níveis alarmantes e tudo se fazia urgente. A cada fim de expediente, chegava em casa, tomava um banho e ligava para o meu esposo ansiosa por saber como havia sido o dia com as crianças.

Sem convívio social, tivemos dias de grandes preocupações, dias em que a emoção gritava... Perdi um primo querido levado pela covid, e uma tristeza imensa nos abateu. Dias após o pai de Hélder faleceu, e nossas filhas passaram pela primeira perda. O avô se foi, mas elas fizeram um bem enorme para ele. A fazenda virou um grande vazio sem seu patriarca.

Nessa fase, eu estava medicada tratando a ansiedade, porém permaneci trabalhando, e a vida foi seguindo... Esse foi um ano que se arrastava dia após dia, todos clamavam pelo fim desse mal que tanto fez e faz a nação sofrer (pois ainda não acabou). Nossas máscaras viraram acessórios, combinávamos com as roupas, aprendemos a sorrir com os olhos, repensamos a vida em todos os seus aspectos, os valores, as atitudes, compreendemos a brevidade da vida e a

efemeridade de tudo. Ninguém poderia nem pode sair dessa situação da mesma maneira. Ao menos nos tornaremos seres melhores, pois mudamos a forma de ver e sentir o mundo.

Meu ritmo de trabalho triplicou, e Hélder tomou as rédeas de tudo (mais uma vez) e foi meu suporte por todo esse período. Os dias eram intermináveis e, com tantas mudanças, foram necessários seis equipamentos ligados em casa para garantir que as aulas remotas acontecessem. Era muito louco ver seis filhos sem convívio social, sem os amigos da escola e o pior: ter que viver essa pós-adoção com quatro filhas chegadas há pouco tempo e a necessidade de tantas mudanças oriundas da pandemia. Isso sem contar nas adaptações pertinentes ao período de convivência na pós-adoção. Acredito que nem houve tempo de tantas análises, hoje eu digo que meu período de pós-adoção foi escrito pela superação dos dias de Pandemia. Certamente ninguém viveu uma pós-adoção assim.

Mesmo com tantas coisas, conseguimos comemorar os aniversários de Victória (14 anos) depois o de Juliana (12 anos) e Mirian (11 anos). Muitos registros para a vida. Ter muitos filhos é sinônimo de muitos bolos de aniversário. Nesse período, nossos filhos amadureceram bastante. Um ano desafiador que levaremos por toda vida: é fevereiro de 2021. Há 15 dias a vacina chegou e, com ela, um turbilhão de gratidão e esperança. Atualmente, todas as nossas horas disponíveis são para dialogar com eles, sempre falamos aos nossos filhos sobre como a vida é, como precisamos ser fortes e resilientes, como é fundamental correr atrás dos nossos sonhos. Nossa! Foram muitas e muitas conversas, muito a orientar, ajustar, corrigir e ainda estamos vivendo tudo isso e deixando o melhor de nós, buscando fazer bem melhor do que recebemos. A principal ferramenta é o diálogo, que é a base que abre todos os caminhos, inclusive os mais “dolorosos”.

Se você é pretendente à adoção tardia, esteja pronto para um mergulho emocional que irá exigir de você muita dedicação e tempo. Existem territórios emocionais extremamente lesados e delicados, mas nada que doses diárias de amor e autoconfiança não curem... O tempo será seu maior aliado. ACREDITE.

Não quero que esses escritos virem um diário, mas, sim, que seja a história que tão lindamente construímos. Quero expressar o que sinto, o que penso e como a vida mudou tantas coisas em mim e em nós, as nossas dores e os dissabores – afinal, não só de alegrias a adoção é feita –; vamos numa visão realista, porém acreditando nas transformações que os dias nos apresentam.

Não sou de seguir regras, esse definitivamente não é meu forte. Sempre fui muito solta, independente, mas sempre sonhei demais, fiz demais e ainda espero realizar muitas coisas que talvez nem tenham se apresentado para mim de fato.

Estou numa fase em que busco uma conexão mais próxima com Deus – acredito que a maturidade promove essas transformações –, busco me entender e me conhecer cada vez mais, compreender meu papel nesta existência terrena e viver intensamente meu propósito. Tudo para viver mais leve e mais feliz. Mesmo tendo ao meu lado um esposo maravilhoso e parceiro e filhos adoráveis, ainda existe uma lacuna que desconheço, mas que sei que estarei prestes a preencher.

Sigo sonhando e agradecendo por cada dia vivido.

Aos meus filhos!

Nunca pensei em um dia ser mãe de seis, nem nos mais loucos dos sonhos, mas Deus sabia e foi nos capacitando e organizando tudo. A forma como tudo aconteceu ainda parece mistério para nós, apenas para nós, pois tudo já estava escrito.

Era abril de 2018, eu olhava o Facebook (rede social bastante usada), quando vi uma postagem do Ceja-PE e me deparei com a foto de Nainhonara (essa era a grafia do nome dela). Naquele momento, aquela foto me chamou bastante atenção, uma atenção que me fez tremer; eu descia a barra de rolagem e subia, como se não quisesse ver, mas aí olhei de uma forma singular aquela imagem e vi nela a imagem de Gustavo (nosso primeiro filho), tamanha era a semelhança que ali existira. Me via nela naquela idade...

E o sonho brotou.

Os meses foram passando, e a cada início de mês o Ceja-PE lançava no *site* a listagem dos “não adotados”; mês a mês, eu ia vendo o nome de Nainhonara permanecer naquela lista terrível. Esse período serviu para amadurecer a ideia que no fundo eu já sabia: era a minha filha, sempre foi. Porém dizer à nossa família que encontramos uma filha e que esta tem 16 anos não é algo simples; poucos irão lhe escutar, esteja preparado. Então, todas as noites, eu conversava com meu esposo e, juntos, fomos amadurecendo e entendendo que era ela, a nossa filha Nainhonara que certamente estaria a nos aguardar por tantos anos...

Chegou agosto, e o nome dela permanecia na lista; confesso que a dor de ler essa listagem é forte demais; muitos são os pensamentos que só uma mãe ou um pai irão entender, até que chegou a hora em que falei: “Chega! Acabou a espera, vou em busca de minha filha!”

Decidimos e fomos visitá-la sem que ela soubesse de nossa intenção.

Realizamos uma visita à unidade em 1º de setembro de 2018

(autorizado pela gerência da instituição) e conhecemos esta realidade até então nova para todos nós. Impossível relatar e esquecer aquele dia; existem coisas que guardamos no coração e relembramos com a mesma nitidez de quando tudo aconteceu, mas, mesmo assim, não consigo descrever...

Ela estava lá, tímida, magrela, cabelos longos, era a coreógrafa do abrigo, e Deus a guardou para nós, acredito que temos muito a aprender e a ensinar. E assim será até o fim. Recordo que nesse dia ela ensaiava junto às outras meninas várias coreografias e, numa forma anfitriã, elas dançaram para nós canções regionais e caracterizadas. Foi lindo ver nossa filha coordenando aquela apresentação.

Naquele dia, antes de sair, chamei-a e entreguei a ela uma caixa que estava recheada de coisas de meninas: bijus, maquiagem, canetinhas coloridas, um caderno com uma dedicatória, roupas e uma pergunta: “Você me deixa ser sua madrinha?” E foi dessa forma que fomos nos aproximando dela. Vi os olhos brilharem e vi os sonhos de uma vida vendo possibilidade ali. Fomos cultivando essa espera em conversas diárias pelo WhatsApp – autorizadas até às 20 horas, horário em que a instituição começa a organizar todos para dormir. Devido ao fato de ela estar na busca ativa do Ceja, toda a tramitação aconteceu rapidamente.

Em 11 de novembro de 2018, nossa filha chegou. Poucas malas, mas, junto a ela, sonhos imensos no coração. Como foi lindo trazê-la. como foi esperada... lembro-me do quarto, do cheiro de cada peça de roupa, de cremes e perfumes e tudo que envolve o universo feminino. A cama arrumada, as roupas impecavelmente organizadas, uma caixa imensa de maquiagens, consigo recordar o cheiro do perfume do quarto deixado pela essência que eu usara, tudo por ela, tudo para ela. Vivi a maternidade pela terceira vez.

Ela chegou tímida e tão linda. Tomou aos poucos posse de tudo que a ofertamos, hoje ela é luz para nós, é um orgulho ver a evolução de Naionara Maria Barros Arruda, aos 20 anos, com diversas habilidades e um mar infindável de possibilidades a trilhar. Impossível não amar essa menina que, mesmo tão resistente aos carinhos,

conquista todos pelo seu caráter e sua personalidade extremamente forte. Geniosa, mas autêntica, verdadeira e justa; para ela, o que é certo é certo e ponto. Sem meias palavras, valores para a vida que vieram com ela. Pode até ser uma forma de autoproteção. Afinal, com tantos sofrimentos e tantas violações de direitos, a tendência de construirmos super capas para ocultar as dores mais profundas não pode ser descartada.

Um terreno emocional delicado, que ainda não conheço tudo e, para algumas questões, não me sinto totalmente pronta para adentrar, mas sei que o tempo e a hora estarão sendo preparados. Minha filha vem de uma história de dois abandonos; a mãe que a gerou, ao parir, a entregou para uma amiga. Esta, por sua vez, cometeu barbaridades, o que a fez perder a guarda, fazendo Naionara ir parar em um abrigo. Sua história tem muita superação; ela é muito forte, apesar de ter dores profundas, ela soube seguir a vida, à sua maneira, claro. Sei que não é fácil, até mesmo os carinhos foram muito difíceis de serem conquistados. Com Naionara me redescobri; precisei de muita paciência e cautela, conversávamos muito, e a nossa relação foi construída dia a dia. Eu não cansei de dizer o quanto a amava. Sei que por vezes ela não acreditou – extremamente normal para o histórico que ela possui –, mas o tempo foi fazendo com que a confiança, a tranquilidade e o porto seguro da família a fizesse sentir-se, de fato, pertencendo a tudo isso. Sei que muito ainda conversaremos e tão logo será possível estarmos, em outra edição, falando desses aspectos psicológicos mais profundos trazidos na mala dessas crianças e adolescentes.

Um dia ela sentirá a força gigante desse amor que pulsa; mesmo que leve anos, uma hora ele brota, uma hora desabrocha com a mesma força.

Por tantos caminhos percorri; lágrimas e alegrias colecionei, tantas poesias escrevi, nos momentos de utopia que passei... Escritos de vida traçados em uma moldura de memórias, impressos em folhas e rabiscos a serem eternizados nas histórias, apenas buscava falar de amor... Os anos não voltam, os rabiscos hoje relidos numa percepção de maturidade mostram que não mudaria muitas coisas... Permaneço rabiscando sobre amor, sobre todas as formas de amar, sobre viver, existir e sobre sonhar.

Naiany Arruda

Dos sonhos de infância aos sonhos reais

PEGUEI-ME RELEMBRANDO A MINHA infância; dela levo poucas coisas. Nas palavras de hoje, poucas memórias afetivas. Foram inúmeras hospitalizações em decorrência de uma asma brônquica que me roubaram dias de brincadeira. Eram punições e restrições para que outra crise alérgica não ocorresse.

Brincar na rua, andar de bicicleta, pular corda, quase nada pude fazer... mas cheguei aqui, e hoje entendo a superproteção de minha mãe e sua total dedicação aos filhos, também me recordei de não ter lembranças de meu pai e minha mãe trocando carinhos. Os relacionamentos pareciam frios (acredito que apenas pareciam). Guardo alguns *flashes* na memória, inclusive da tristeza de não ver alegria nos olhos de minha mãe; talvez ela fosse feliz da maneira dela, pois cada um de nós cria um conceito de felicidade. Não posso julgar por *flashes* de minha infância.

Minha mãe precisava trabalhar três turnos e, por várias vezes, eu ficava à porta esperando sua chegada. A rua era bem larga; ela vinha caminhando e tão logo eu a avistasse, corria até a cama para fingir que estava dormindo, mas ela nunca se esqueceu de ir à cama de cada filho para conferir tudo e dar um beijo. Ela foi, é e sempre será meu exemplo, inclusive exemplo de adoção. Por volta de seus 42 anos, ela adotou meu irmão com apenas 2 dias de vida. E sabe como eram meus fins de semana aos 16 anos? Lavando fraldas de tecido (risos). Afinal, fralda descartável apenas nas idas ao pediatra.

É impossível passar adiante sem valorizar essas coisas, pois, a partir desse olhar, entendo como minha mãe ofereceu sempre o melhor dela a cada filho, e de como sua atitude adotiva me impactou para a vida. Sua determinação em fazer acontecer as coisas nos

impulsionaram muito – essas características herdei dela. Para ela, não havia medo. Ela confiava, seguia e fazia acontecer. E eu sou exatamente assim!essa coisa de ir em busca, de trabalhar e jamais se acomodar, destemidas e otimistas, assim somos nós, as filhas dessa grande mulher.

Quando nos propusemos a adotar, é preciso que essa causa seja abraçada também pela nossa família, ao menos assim deveria ser, mas friso que a decisão de adoção cabe tão somente ao casal, ou a pessoa que deseja fazê-la. Essa fala eu faço questão de frisar em todas as *lives* e momentos de reuniões, pois essa decisão não deve jamais ser desencorajada por terceiros, nem vista com ar de preconceito ou piedade. Todas essas nomenclaturas são desgastantes e podem desestimular os pretendentes, sejam seletivos, busquem o auxílio dos grupos de apoio à adoção. Atualmente existem grupos em inúmeras cidades. Certamente em sua cidade haverá um grupo que irá ser esse suporte em todos os aspectos, desde os psicológicos aos aspectos legais.

Portanto, nada de ouvir a quem nada tem a contribuir. Você verá que muitas pessoas necessitarão sair de suas vidas para outras entrarem. Não posso negar nem omitir tal fato. Nem tudo são flores; é preciso estar firme em sua decisão e não dar ouvido às questões que não sejam para ajudar. Haverá comentários que vão ferir. Vivemos isso na prática da forma mais dolorosa possível, e nossa reação foi a exclusão. Na vida, escolhemos quem caminha ao nosso lado e quem caminha na rua do lado, por exemplo. Assim, escolhemos quem caminha ao nosso lado e todo o resto seguiu... infelizmente.

E, apesar de ser sempre doloroso, pois rompimentos, muitas vezes, acontecem e são necessários, espero que tudo seja diferente com vocês, mas na adoção tardia é preciso ser, além de tudo, “você”, sem influências que possam levar de ti o sonho da adoção, pois situações grotescas e atitudes preconceituosas ainda são bem presentes. E essa dor tem uma dimensão avassaladora quando o assunto se refere a um filho nosso. Mas vou lhe falar uma coisa: Algumas pessoas ferem, mas outras curam.

E tem uma notícia boa: o amor nos fortalece. Passamos por muitas coisas movidos por um amor que não se explica, apenas se sente. E logo esse amor se transformou no amor mais forte e resiliente que conheci: o amor pelos filhos, o amor pela adoção.

Você pode até me perguntar: “Naiany, poderia ter sido mais leve?” Talvez sim, ou não... Acredito que estava escrito linha por linha. Entre lágrimas e sorrisos, com quedas e algumas dificuldades, fomos persistindo. Ah! Vou lhe dar um conselho: Não desista! Vale a pena persistir! Sei que muitas pessoas ou casais ficam anos na fila de espera, ansiosos pela chegada do(a) filho(a) tão desejado(a), tão esperado(a), mas busquem reavaliar-se dentro desse processo de maternar/paternar. Depois dessa experiência, repensem o seu perfil, vejam se uma vírgula a mais ou a menos não está sendo a causa dessa demora. Pensem na possibilidade de propiciar a uma criança de uma idade maior a oportunidade de VIVER. Uma hora, tudo acontece, a espera acaba, o sonho se realiza, e sua felicidade NASCE.

Mas se dê a oportunidade dessa reavaliação. Porém não se sinta influenciado a fazer nada que o coração, de fato, não deseja. Quem sabe vale a pena rever esse olhar? É comum e direito nosso mudar o perfil sempre que acharmos necessário. Nós, por exemplo, mudamos duas vezes.

Nunca, jamais, imaginei seis filhos (risos). Se me falassem isso há quatro anos, eu iria dar risadas sem fim...

Mas olhem só o que Deus faz!

Por isso é tão importante crer que quem direciona os rumos de nossas vidas não somos nós; até que tentamos, mas vamos vivendo e vamos construindo mesmo sem entender o final.

Então vem a vida e, muitas vezes, dá uma guinada que nos deixa até tontos sem entender mais nada, literalmente nada, até que o tempo reorganiza tudo e você compreende cada peça e cada autor. Nesse momento, todo questionamento é respondido.

Resiliência, recomeços e ressignificação: como essas palavras podem mudar nossas vidas?

A VIDA NOS ENSINA muitas coisas, algumas delas falam sobre resiliência, recomeços e ressignificação.

E, para quem adota, em especial crianças maiores, essas palavras são chaves de ouro para a fase que se inicia.

Quem de nós não precisou conter as tristezas, a fúria ou a dor em algum momento? Muitas vezes, para proteger alguém, outras para esconder algo de nós mesmos. Ainda estamos aprimorando o nosso conhecimento sobre essas três coisas. Já me senti mais segura em recomeçar e em ressignificar, mas, com o passar dos anos, parece que vamos ficando mais cautelosos. Nós vamos amadurecendo com as decepções e isso nos faz pensar mais antes de agir, ser mais seletos, porém não podemos nos prender aos sentimentos que venham impedir de seguir rumo às mudanças. É hora de libertar-nos de qualquer coisa que nos impeça de voar. Ainda conseguimos ressignificar muito o nosso passado para escrever novos capítulos no futuro, só não podemos estagnar no tempo. Pausas são, por vezes, necessárias, mas essas precisam passar, pois a vida flui.

Precisamos levar nosso propósito existencial à frente e, assim, tornar concreto o que está em nossas mentes e corações. Isso exige de nós um autoconhecimento profundo sobre tudo o que guardamos inconscientemente, pois desacredito que nenhum ser humano vive sem que alguma dor psicológica que fora sentida em alguma fase de sua vida venha à tona. Mas, é claro, quando nossa origem carrega amor, confiança, um convívio familiar saudável e direitos garantidos, essas dores são minimizadas, sim; porém, ainda com toda essa base, alguma memória pode ter sido registrada e guardada de maneira negativa e só

a conheceremos quando a tocarmos ou quando a vida nos faz identificar o que ficou de danoso.

O que quero dizer é que se nós que, teoricamente, possuímos conhecimento, que tanto nos preparamos para o momento da chegada de nossos filhos, temos nossas questões existenciais e nossas inquietações, Imaginem receber em sua vida uma criança da qual você não conhece seu terreno emocional, suas marcas, suas dores?

Portanto, a importância da busca de conhecimentos se faz essencial para a vivência desse processo desde a decisão pela adoção até o convívio durante a rotina com os nossos filhos. Erroneamente, eu não me preparei psicologicamente para uma mudança tão gigante, e me achei autossuficiente. Todo esse apoio e essa bagagem me fizeram uma falta tremenda para a vivência do processo como um todo, e eu precisei aprender a teoria na prática e tudo isso foi mais sofrido. Mas superamos, porém afirmo que se fazia necessário preparar toda família para a “nova família” que se formaria. Isso não aconteceu; falo de um suporte com profissionais da psicologia. Existe algo que sempre me perguntam: “E como seus filhos biológicos aceitaram as novas irmãs?” A resposta é simples. Tudo foi dialogado com eles, que acompanharam todas as etapas do processo. Nós fazíamos questão de partilhar tudo e de ouvi-los; o diálogo é a ferramenta que abre portas, lembram?

Mas vejo que tudo teria sido mais fácil se, associado a tudo isso, houvesse a intervenção de um profissional. Espero que você leve em consideração esses aspectos, pois, por vezes, podemos errar com a intenção de acertar, o que é normal. Apesar das dificuldades, eu só posso dizer que ser escolhida como mãe das minhas filhas foi e é o presente mais belo que a vida me ofereceu. Uma oportunidade de aprender com cada uma delas, trocar conhecimentos, orientar e, acima de tudo, fazer construir em mim um ser cada dia melhor e fazer se perceber nelas tudo que aqui falo a vocês, pois acredite: somos seres de luz para nossos filhos por adoção, e eles para nós.

A vida é singular, e diariamente nos proporciona a oportunidade de fazer algo por nós e por outras pessoas e, assim, buscar sermos

melhores, possibilitando o encerramento de ciclos para abrir novos outros, repensando atitudes, pensamentos, conceitos, valores etc. Isso é recomeçar, fazer algo novo, num momento novo; recomeçar tem muito de ressignificar...

Ressignificar é passar a ver por outros ângulos as coisas e situações, porém existem pessoas que não se permitem mudar. Porque mudar dói, e cada recomeço, seja ele em qualquer área de nossas vidas, requer disponibilidade e novas habilidades, mas faz nascer a chance de fazer diferente, de agir diferente. E isso é restaurador para relacionamentos, amizades, relações familiares e qualquer relação do convívio social.

Na verdade, o que verdadeiramente importa é ser feliz, e se, para ser feliz, for necessário mudar mil vezes, que possamos mudar, sim.

Os anos vão nos mostrando e ensinando sobre o conceito e a aplicação da resiliência, compreendendo o tempo de cada coisa, fazendo-nos aceitar situações, entendendo a necessidade dessas, ensinando-nos a conter a ansiedade e nos tornamos mais confiantes e, acima de tudo, mais fortes. Com o conhecimento de tudo isso, podemos passar a minimizar as situações que em outros tempos enxergávamos de uma maneira imatura e com maiores proporções, vendo apenas o lado ruim. Isso é comum. Por anos, esquecemos de sobressaltar o lado bom de cada situação; mesmo as mais difíceis deixam marcas positivas. Em geral, essas fases difíceis são as que mais nos impulsionam às mudanças.

Nos momentos difíceis, buscamos o autoconhecimento e ressignificamos nossas vidas. Ninguém promove essas mudanças em uma zona de conforto. É preciso a inquietude, a decepção ou o sofrimento para dar início ao processo. Só assim nos empoderamos disso tudo, e a mudança finalmente acontece.

Ah! Só lembrando... Você precisará ensinar todas essas coisas aos seus filhos; isso os ajudará a lidar com suas emoções e os sentimentos mais profundos. Quem adota precisa, por meio do diálogo, transmitir amor, confiança e plantar novas sementes.

Nossos filhos precisam fazer germinar as novas emoções trazidas

pela família que as acolheu. O terreno será o mesmo, mas as sementes serão outras... E os frutos, esses certamente colheremos juntos.

*Tempos de batalha, de derrubar as muralhas, de lutar contra as
forças do inimigo
Efésios 6: 10-20.*

Meus filhos,

Aprendeis a pedir a Deus, porém confiando a ele seu futuro, de nada somos donos, mas vamos trilhando os caminhos do bem, não os mais fáceis... fazeis, pois, a tua parte; pratiques o amor e a gratidão, descansa em Deus teu coração e esperas no Senhor. Gratidão é o melhor remédio para a alma.

E quando a tristeza te tomar, entra em teu quarto, ajoelha-te e ora. Conversa com Deus como se ele fosse aquele teu melhor amigo da escola. Só quem saboreia desta relação sente a presença de Deus em cada respirar.

A importância de alimentar sonhos e fazer brotar novos desejos em nossos filhos

O QUE VOCÊ DIRIA aos seus filhos em meio a tudo que estamos vivendo atualmente?

Como encorajá-los se, em muitos momentos, nós estamos desencorajados? Como fazer nascer novos desejos, novos sonhos?

Haverá dias tristes... Sim, haverá... vivi vários e intermináveis, e você não vai conseguir polpar-se disso; são esses dias que mais nos ensinam. Ao amanhecer, sempre haverá uma nova oportunidade. Jamais esqueça isso: a alegria vem pela manhã.

Às vezes, nem sabemos onde dói mais: o físico ou o emocional. A grande diferença é que um analgésico resolve o primeiro, enquanto que a dor da alma não se explica. Por vezes, perdemos tempo demais sentindo essa dor, alimentando sonhos impossíveis, vidas impossíveis e, assim, permanecemos a sofrer buscando tão somente compreender e esperar dias de glória. Já percebeu como somos capazes de criar problemas?

Seja realista com seus filhos, mas sem desencorajá-los, nem lhes roubar os sonhos, nem deixar crenças limitantes, deixem-lhes construir sonhos e colocar metas para alcançá-los. Sonhos, sem meta, são como querer voar sem ter asas. É preciso entender o que é possível e orientar da melhor forma. O segredo disso está no diálogo; quem adota, precisa de tempo para dialogar... lembrem-se disso: tempo para dialogar.

Afinal, você precisa ser a pessoa que inspira, que oferece confiança; suporte; apoio; enfim, ser a família que lhes fora tirada ou até que nem existiu. Já pensou que papel imensurável? Ser inspiração para uma outra vida que você tem a honra de auxiliar diariamente colocando em prática os valores, as lições e tudo que aprendestes em

sua vida, experiências trazidas de seus pais para ti e de ti aos teus filhos,

Quando adultos, compreendemos que pais e mães erram no processo de educar, porém é numa tentativa de acerto. Pequenas atitudes vão sendo alimentadas e, quando nos vemos no papel de pai e mãe, compreendemos como foram erradas para a construção do que hoje somos. Jamais irei achar que lá na frente isso não se repita com nossos filhos, pois somos humanos e também podemos cometer erros na busca de uma educação assertiva.

Ninguém, além dos pretendentes cadastrados no SNA (Sistema Nacional de Adoção), sabem as dores que carregamos e tudo que passamos. Portanto, sejamos firmes, fortes, resilientes e não desistamos. A felicidade é o melhor bálsamo para a vida. Uma hora seu telefone toca e sua vida se transforma. Estejam prontos, a qualquer momento essa espera se finda.

Meu mundo, meus filhos...

O MUNDO ME APRESENTOU uma infinidade de caminhos. De todos, escolhi amar. Poderia ter sido egoísta e não sacrificar minha vida e meu orçamento para acolher mais quatro vidas; sei que muitas pessoas jamais iriam privar-se de viagens, ou uma vida mais confortável, financeiramente falando. Porém eu e meu esposo escolhemos ser lar, ser colo, ser abrigo... e só nós sabemos a que custo tudo isso se faz, mas também só nós sabemos os sabores que brotam diariamente desse amor que só amadurece e cresce.

Começamos gerando o desejo no coração, como qualquer outro desejo. O desejo da adoção surge de alguma das partes; no nosso caso, era um plano meu, já comentado com meu esposo, mas não era um propósito com tempo previsto.

Aos poucos, esse sonho vai ganhando forças e a vida vai lhe apresentando pessoas que vão junto contigo mergulhando nesse sonho e, de certa forma, o preenchendo, seja de boas energias, de positividade, de palavras de esperança... então não ache estranho! É Deus agindo mesmo, ele coloca as pessoas certas nas horas certas, observem e estejam abertos; caso contrário, você não irá perceber tudo isso.

É interessante que quando você entra no universo da adoção. Eventualmente nos deparamos no nosso dia a dia com pessoas que já adotaram ou que estão à espera. O mais engraçado é que, antes, a vida não nos apresenta ninguém com esse propósito. E, de repente, você se encontra acolhido com tantas semelhanças de situações.

Sabe outra coisa que aprendi há pouco? Que Deus age tão lindamente, que muitas pessoas vão entrar em sua vida, mas não necessariamente irão permanecer nela. Talvez e certamente o papel dessas pessoas se finda quando o propósito é realizado; então alguém que possa te auxiliar nesse caminho poderá não caminhar contigo. Pensa nisso, mas não com tristeza e, sim, com a felicidade de quem teve o prazer de conviver com pessoas que até parecem anjos. E de

fato são!

Sobre alimentar a força de nossos desejos...

Uma vez fiz gerar em meu coração o desejo de oferecer um serviço de saúde com qualidade e eficiência numa cidade de menos de 20 mil habitantes. A “Clínica Espaço Vida” nasceu em maio de 2012, contando com equipe multidisciplinar e multiprofissional, e me dediquei de corpo e alma no auge de minhas forças físicas. Fiz desse projeto um filho, que deu frutos, a ponto de precisarmos de um local maior. Mudamos, ampliamos os serviços, mas eu estava no auge de minha profissão e faltou “foco”. O que hoje tanto falo aos meus filhos faltou em mim; achei que daria conta de tudo e, num momento de dificuldade e de exaustão, me desfiz desse “filho”, um momento triste, mas que trouxe grandes aprendizados.

Só o tempo mostra a necessidade de atravessarmos cada fase. Aí me pergunto: “Se tivesse permanecido como estava, será que hoje eu teria minhas filhas? Será que realmente não foi necessário cada caminho e cada vírgula?” Pensando assim, compreendo que foi um ciclo que se fechou, e hoje enxergo a necessidade de cada acontecimento e a necessidade do fim de cada ciclo.

Espero que compreendam tantas indagações. O que quero dizer é que a vida esconde muitos e muitos mistérios e que não devemos questionar, mas, sim, analisar todos os ângulos e aceitar, mesmo que isso seja muito doloroso, como foi no meu caso. Mas aprendi muito com tudo; sei que foi um fruto que nasceu de mim e que permanece até hoje fazendo a diferença na vida das pessoas. Deixamos muitas marcas em quem nos buscou, deixamos marcas em quem tocamos e isso é consolo e alívio para meu coração.

Precisamos compreender que tudo tem início, meio e fim, e que um sonho construído com o coração e regado com amor não morre jamais. Pode ser até que não seja tal como sonhamos, mas certamente foi da forma que Deus preparou e ponto. O segredo é não ficar se questionando, pois só o tempo nos ensina, só as quedas nos aprimoram. Quem dera, há dez anos, eu ter a cabeça que hoje tenho.

Como diz Naionara: “Vamos ser práticas, mamãe!”

É essa praticidade e sua forma descomplicada de ver o mundo que faz a vida dela ser mais leve. Acredito que, com tanto sofrimento vivido precocemente, ela passa a ver apenas os verdadeiros problemas, enquanto nós, muitas vezes, os criamos quando nos deparamos com situações simples. Mas aí vem nossa forma complicada de ver o mundo!

Lembrei-me de outro desejo que fiz concreto: organizar, trabalhar, lutar, planejar e buscar cada detalhe para fazer real o sonho de nosso casamento religioso. Apenas após 15 anos de casados, nós conseguimos.

Agora imaginem guardar por 15 anos o sonho de entrar numa igreja com meu pai e, nesse caso, com meus filhos também, ter uma celebração que contasse sobre nós, poder ver as pessoas que torceram pelo nosso amor e viver intensamente esse dia – eu tinha muito medo de não ter meu pai num momento assim, então comecei a fazer real tudo que estava guardado.

O que me mantém viva é cada sonho que a vida me possibilita realizar. Afinal, sonhos movem pessoas, celebrar aquele dia foi algo sem palavras. Eu acredito que minha vontade de viver cada respirar foi valorizada depois de um acidente de carro em 2014, do qual sou um milagre, pois ninguém imaginaria que houvesse alguém com vida naquele veículo capotado a menos de 2 km do destino final.

Eu não sei dizer como, nem por quê, mas Deus me deixou permanecer aqui para, então, me fazer mãe mais quatro vezes. Perdi uma parte da musculatura da região interna do antebraço esquerdo. Levarei apenas essa cicatriz, mas, na alma, a gratidão por ter sido um milagre. E foi aí que comecei uma busca incansável na descoberta da razão de minha existência, pois, se Deus me deixou mais um pouco, ele sabia que algo extraordinário iria ser feito e eu também sabia disso.

Naquele instante, me vi ali na frente de um carro que havia capotado por cinco vezes, com sua estrutura totalmente destruída, vidros estilhaçados em todas as janelas. E foi exatamente pela janela traseira do lado do passageiro que eu saí daquele carro literalmente de

cabeça para baixo e sem ajuda nenhuma, atravessando estilhaços de vidro numa janela que jamais poderia oferecer espaço para alguém atravessar sem machucar-se, sem que houvesse cortes. O som estava alto e não parou de tocar, apenas me recordo do momento em que eu estava em pé e fora do carro, segurando firme o ferimento do braço a fim de tentar estancar o sangue, o que me fez chegar até ali. Eu simplesmente chamo de milagre! Não existe outra explicação, foi surreal.

Entendem minha sede de vida? É por isso que tudo o que veio em seguida a esse acontecimento mudou de sabor e é por essa razão que, desde esse dia, passei a ver tudo com mais leveza. Passei a comemorar todas as datas e, em razão disso, e diante da grande relevância do dia de nosso casamento em nossas vidas, de vez em quando, ao me pegar triste, me recarrego olhando aquelas fotos. É como se eu voltasse literalmente no tempo e vivesse cada palavra dita.

Nosso matrimônio foi inesquecível. Levarei para a eternidade a felicidade vivida naquele dia: as lágrimas caindo dos olhos dos nossos filhos Gustavo e Guilherme, protagonistas daquele momento. Eles também sentiam e entendiam o quão importante era para nós viver tudo aquilo. Foi espetacular! Sou bem suspeita em falar, pois sou apaixonada por cerimônias de casamentos.

Agora, com seis filhos, pensamos em realizar um momento para apresentar nossa nova família em breve, renovar nossos votos e agradecer por tanto. Mas ainda são planos, porém tenho certeza de que lágrimas vão rolar e emoção não vai faltar. Afinal, o que levamos daqui senão o que vivemos intensamente?

Vale lembrar que felicidade e dinheiro não necessariamente andam de mãos dadas. Claro que é muito bom, mas é possível ser feliz e encontrar felicidade sem a necessidade iminente de grandes valores. Conheço pessoas ricas infelizes e pessoas “pobres” que são uma enciclopédia de ensinamento sobre a felicidade real e palpável, sobre os verdadeiros valores para a vida.

Agora, imaginem só uma casa silenciada com apenas quatro pessoas, e, de repente, agora somos oito, literalmente dobrando tudo e

com o mesmo orçamento doméstico? É preciso muito equilíbrio para suprir todas as demandas, mas, acredite, que tudo parece ser multiplicado.

Fui e fomos chamados de loucos. “Vão adotar adolescentes, são loucos”!

“Estão procurando sarna para se coçar”...

Essas frases nos destruíam, mas, de onde partia tal expressão, de nada iria influenciar em nossa decisão, nem em nossas vidas, mas claro que machuca. Foi assim que fomos entendendo como ocorre todo processo da adoção e de como são pequenos e maldosos os pensamentos quando a pauta é adoção tardia. Foi assim que escolhemos retirar pessoas de nosso convívio e foi dessa forma que descobrimos quem fica. Quem fica com você é quem, de fato, merece estar com você; todo o resto eu chamo de excesso. E sabemos cada uma das pessoas que fizeram a diferença e os que apenas foram excesso.

Se acaso falem a ti que a adoção é um mar de rosas, que só existe amor, e que tudo funciona perfeitamente como numa canção, eu te direi: “Isso não é verdade!” Serei muito realista em todas as minhas colocações.

Mas não se assuste, tudo se acomoda e flui. Pode parecer que não, mas flui, o que ocorre é que, na prática, cada um e à sua maneira sofre suas dores, como também saboreiam grandes alegrias, mas caso seja um pretendente à adoção, precisa desenvolver algumas habilidades que podem não existir em cursos, pois elas exigem prática. E isso, só a rotina ensina; desde já lhe digo: engajem-se em um grupo de apoio à adoção. Acredito no papel fundamental desses grupos. Busquem ler sobre o assunto, escutar depoimentos, informem-se sobre todos os aspectos para que tenhas uma adoção de sucesso, compreendendo tudo que envolve cada fase do processo. Dessa forma, você estará firme e seguro e conduzirá com sabedoria cada momento vivido.

A internet faz a grande proeza de nos aproximar de muitas pessoas. Haverá sempre alguém para lhe encorajar e ouvir.

Interessante que, nos grupos, temos voluntários de todas as áreas de atuação. Isso faz com que não seja necessário estar visitando a Vara da Infância, pois muitas dúvidas são sanadas ali, sem contar na troca de experiências, no acolhimento, nas orientações para a condução de situações pertinentes em relação ao processo de adoção como também quanto à condução das possíveis situações que envolvam nossos filhos, porque irão existir momentos que achamos “não dar conta”, mas tenha calma! Faz parte, como eu disse. Esse *mix* de emoções faz crescer todos os envolvidos e ver essa evolução é sensacional. Leva tempo, mas ela chega, e como chega!

Tal como um filho biológico, o filho que chega a nós pela adoção irá requerer as mesmas demandas. Não existem diferenças; arrisco dizer até que esses requerem mais de nós – ao menos conosco está sendo assim. Por termos sido escolhidos por nossas filhas a partir de uma adoção tardia faz com que tenhamos que trabalhar em nós habilidades que sequer sonhávamos possuir, especialmente pelo fato de nos tornarmos pais de meninas, imagine que lindeza e perfeição, você se redescobrando e, ao mesmo tempo, ensinando tanto.

Vi meu esposo dar aula de etiqueta à mesa, falar sobre escovar corretamente os dentes, sobre enxugar os pés para prevenir surgimento de fungos, sobre ser cooperativo com todos, sobre cuidar e valorizar aqueles que cuidam de nós, sobre respeitar os idosos e escutar suas histórias de vida. Vi, também, ele falar sobre espírito de cooperação, sobre organização doméstica. E ele repetia incansavelmente tudo que se fizesse necessário.

E essas coisas não foram ditas aos nossos filhos biológicos, pois o tempo calmamente foi ensinando cada coisa a seu momento, e as ações falavam muito. O que é praticado no lar torna-se hábito. Com a adoção tardia, o tempo vai mostrando cada coisa na prática, e eles acabam absorvendo tudo pela orientação, pelo exemplo, pela ação, porém no ritmo de cada um. É claro que algumas situações ainda não foram vivenciadas; porém quando acontecerem, certamente irão deixar lições valiosas. Entendem como acontece? É um trabalho diário contextualizando cada segundo partilhado. | Dessa forma, vai acontecendo o processo de educação, e ver as ações serem praticadas

como orientamos é muito gostoso.

Acima de qualquer coisa, precisamos explicar aos nossos filhos por que as coisas são como são, e não simplesmente dizer que precisa fazer desta ou daquela maneira. Portanto, ao explicar a importância, eles entendem o motivo do papai ou da mamãe falar que tal atitude estava errada (por exemplo) e vamos compreendendo a maneira de abordar os assuntos com eles e de como falar. Alguns vão assimilar e aceitar numa boa. Outros podem apresentar alguma resistência, outros ainda podem ter dificuldades em seguir e aceitar regras, e essas situações você não vai encontrar em livros. Só a convivência nos mostra como atuar junto à educação de nossos filhos, os pontos que necessitam de intervenção, outros que precisam ser ressignificados, outros até iniciados e, assim, vamos crescendo juntos.

Quem não conhece deste amor chama-o de 'loucura', permaneço afirmando: felizes os loucos que experimentam deste amor

Naiany Arruda

Outra coisa...

Não permita que ninguém ache que seu papel na adoção é um ato de bondade ou de caridade. Muitas pessoas irão te dizer coisas errôneas, que irão te ferir. Respira fundo, porque, de fato, a vontade é responder à altura, mas não podemos brigar com o mundo, concordam? Ainda se confunde muito a atitude adotiva na cabeça das pessoas, e o pior é ver isso no seio familiar! Quem não respeita ou experimenta essa sensação, não tem propriedade alguma para falar. Portanto, não absorva. Silencie e siga.

Nada nos abala quando a decisão está definitivamente tomada no nosso coração. Enfatizo que o desejo precisa ser igual para o casal, seja ele de qualquer gênero, ou que seja uma adoção unilateral. Uma decisão que envolve VIDAS precisa ser abraçada de verdade. Já vi casos em que o desejo pertence a um, e o(a) companheiro(a) se envolve por amor ao cônjuge. Essa atitude está fadada ao fracasso e, infelizmente, quem mais sofrerá será(ão) a(s) criança(s). Por isso, é tão importante buscar informação. Podemos nos sentir super capazes, autossuficientes, mas podemos paralisar diante às diversas dificuldades.

Quanto às reações das pessoas, o tempo fará você lidar com todas as situações. Infelizmente, vai doer no seu coração, pois é sobre seu(a) filho(a). Lembro-me de uma pessoa super sem noção que me falou assim: “Que bom que você adotou as meninas grandes, pois elas podem fazer as coisas na sua casa!” Uma pessoa sem conhecimento e deselegante que, em sua cabeça, achava que o fato de eu ter adotado crianças maiores iria ser positivo, pois eu estaria a economizar com uma funcionária doméstica. Esse é só um exemplo, entre vários que poderia citar, mas coração de mãe/pai sabe conduzir todas as

situações quando estão alinhados e preparados emocionalmente.

*Todos os filhos são biológicos e todos os filhos são adotivos.
Biológicos porque essa é a única maneira de existirmos concreta e
objetivamente; adotivos, porque é a única forma de sermos
verdadeiramente filhos*
Luiz Schettini Filho

Quando Deus escreveu minha história, ele sabia de cada vírgula. E foi preciso percorrer todos os caminhos até encontrar nossas filhas, até dar de cara com a lindeza de Naionara e toda sua praticidade em viver, ver os olhos brilhantes de jabuticaba de Juliana, o sorriso tímido e cheio de esperança de Mirian e a delicadeza e sonhos românticos de Joelma. Desde então, essa tem sido a nossa missão, e nós a abraçamos com todas as forças de nossos corações, e tudo se fez.

Mesmo não sendo fácil, vamos caminhando, superando problemas e enfrentando juntos cada situação, um apoiando o outro, sempre, enxugando cada lágrima (quando houver) e encorajando um ao outro e os encorajando também. Afinal, família é tudo isso e muito mais, independente de laços sanguíneos ou de famílias a partir da adoção. Os problemas e dificuldades são os mesmos. Ou você acha que não tínhamos problemas antes? Claro que sim. A vida não são só flores. Quanto às poucas pessoas que não adotaram nossas filhas conosco, foi preciso afastar e apagarmos do convívio e do coração. Quando não se soma, diminuir é um grande alívio e um ganho imenso. Sabe os que ficam? Esses, sim, valem a pena cultivar, amar e oferecer o melhor de nós.

Com tudo o que aconteceu, refleti sobre uma coisa: ninguém é obrigado a aceitar as nossas escolhas, em tantos outros momentos e outras situações podemos não ter apoio de todos. Portanto, imaginem querermos que simplesmente toda nossa família ame os nossos filhos como nós? Ninguém tem essa “obrigação”, amor real e incondicional apenas mãe e pai oferece, a partir desse pensamento passei a compreender de uma forma diferente determinadas atitudes, e a vida não vai parar por isso, tudo vai seguir. Aprendi a aceitar, assim

sofremos menos.

*Adoção é não ver a barriga crescer,
mas sentir que o coração não tem tamanho*
Isabella Furtado

Ainda vivo um processo de construção enquanto mãe, enquanto mulher, enquanto profissional. Acabamos nos cobrando muito, querendo muito... Admiro mulheres empoderadas, cheias de si e que sabem exatamente onde querem chegar. Acredito que possuo vários adjetivos, mas ainda trabalho muitos outros na terapia, pois sei exatamente os estímulos que não foram ofertados em minha infância e adolescência. Reconheço em mim várias crenças limitantes e, com isso, vamos buscando errar menos com nossos filhos.

Depois de vivenciar a pandemia – fui infectada com a Covid em junho de 2021; mesmo sendo uma forma leve, fiquei com algumas sequelas, como uma astenia (fadiga) sem fim. Passei a viver um dia de cada vez; controlar a minha ansiedade tem sido o meu grande desafio diário, pois fui obrigada a reprimir meu ritmo. Desacelerar foi a saída.

O melhor momento foi quando entendi que a missão que nos foi confiada é preciosa demais e que fomos escolhidos e agraciados. A partir daí nos tornamos pais melhores para nossos filhos.

E aqui foi assim desde o início, quando envolvidos num ambiente físico readequado para receber as nossas filhas, foi necessário sentar e definir tarefas de maneira democrática e baseada na cooperação e compreensão. Meu esposo fez um quadro de atividades no qual os mais velhos possuem responsabilidades maiores que os mais novos, porém todos têm suas funções na organização e limpeza do lar. Enfatizamos para eles que tudo que temos pertence a todos nós e tão somente nos cabe manter e cuidar.

Algo bem perceptível e que desejo partilhar aqui é sobre o valor das coisas. É, de fato, impressionante a forma como as crianças que estão em instituições enxergam sobre valores (em finanças e em afeto). Posso falar com propriedade de quem vivencia esse processo.

Minha filha Naionara viveu situações extremas em sua vida e morou na instituição por quase dez anos, entre idas e vindas para a família biológica, o que deixou grandes sequelas...

Mas quero falar sobre a noção de valores de cada coisa. Imaginem que essas crianças apenas vestem o que ganham, usam sapatos, sandálias e tênis que chegam em forma de doação, que suas maquiagens, esmaltes, brinquedos e perfumes são escolhas de “outros”, e que sua autonomia sobre “escolhas” foi negada nesse e em outros sentidos durante toda a sua vida. Então tivemos grandes dificuldades em lidar com tudo isso, em especial e mais aguçadamente com Naionara. Inúmeras foram as vezes que íamos comprar algo e entre duas cores, por exemplo, eu perguntava: “E aí, filha? A rosa ou a preta?” (exemplo) e a resposta era a mesma, sempre: “Tanto faz.”. Eu insistia: “Mas como assim ‘tanto faz’? Geralmente temos preferências. Qual você prefere?” e lá vinha a mesma resposta: “Tanto faz!”

Eu me incomodava muito no início; até me aborrecia, mas aí respirei fundo e fui entender aquela resposta. E pensem comigo: se uma vida inteira ela não teve a oportunidade de escolher absolutamente nada, de fato qual é a importância que tinha se a blusa fosse rosa ou preta?

Entendam que era preciso ensinar sobre autonomia e escolhas antes. Se a própria vida a fez de “tanto faz”! Certamente seria necessário um trabalho antes de sair para comprar qualquer coisa, então começamos a conversar bastante para desconstruir tudo o que tinha e construir uma autonomia que lhe permitisse expressar sua identidade, sua forma de vestir, suas cores de preferência e o mais importante de tudo: saber que, por trás de cada item que eu compro, existe carinho. No abrigo, tudo era doação. Porém, nesse momento, tudo é literalmente “fruto do nosso trabalho”.

Precisei ensinar sobre o custo das coisas, pois elas não conheciam a noção de “caro” ou “barato”. Em algumas situações, muitas vezes negociamos trocas por itens de menor valor para, assim, caber no orçamento. Então sempre delimito até quanto posso gastar com determinado item; desta forma, elas aprendem sobre consciência

financeira e, com isso, compreendem que roupas, sapatos, materiais escolares e qualquer outro item precisam ser tratados com cuidado e carinho.

Foi preciso falar muito sobre “pertencimento” para elas assumirem que esse lar também passou a ser delas e que, em virtude disso, todos os itens de decoração, itens do lar e tudo mais também lhes pertencem. E quando falo de pertencimento, também preciso alertar sobre a ação de pertencer; ou seja, a criança ou adolescente precisa se ver inserida naquela família, naquele lar, naquele contexto. Essa aceitação do novo e de tudo que ele traz, inclusive os demais parentes, não acontece de imediato. Costumo dizer que eles também precisam nos ajudar e adotar toda família. Portanto, compreender o tempo de cada um é essencial. Imaginem como é difícil para cada criança viver a atitude adotiva que agora partirá dela para com sua nova família.

Não se assuste quando parecer que seu filho não valoriza o que ganha ou o que existe em seu novo lar. Levei um tempo para entender isso. Por várias vezes chegava com roupas e calçados e não via entusiasmo por parte das meninas (não em todas). Não existia alegria com as sacolas, as nossas xícaras ficaram sem asas e alguns objetos eventualmente surgiam quebrados. Foi aí que começamos a trabalhar o valor afetivo de cada coisa. Explicamos que alguns poderiam nos remeter boas lembranças, outros poderiam ter sido presente de alguma pessoa especial, como também poderiam ser fruto do nosso trabalho. Desta forma, fomos mostrando como devemos cuidar do que é nosso. Ah! Quanto às roupas que permaneciam nas sacolas, precisei compreender que não se tratava de uma atitude de desprezo, mas, sim, de um entusiasmo consumista que não foi apresentado para elas. Então essa coisa de desejar um determinado perfume, ou qualquer outro item não era visto nas maiores. As duas mais novas ainda estavam na fase da euforia, então tudo que ganhavam era imediatamente aberto.

Todas estas situações proporcionaram ensinamentos sobre o valor afetivo de tudo que temos e, até elas entenderem isso, levou-se um tempo. Passamos por vários desafios, mas, certamente, a organização

da rotina doméstica foi o mais difícil. Porém, agora, após dois anos de convivência, muitos ensinamentos, muitas repetições de falas e muita paciência, tudo entrou no modo automático e todos fazem. Não tem essa de um fazer e outro não. Todos desenvolveram muito bem o espírito de cooperação; não foi fácil, mas conseguimos! E você também conseguirá.

A grandiosa missão de formar pessoas para a vida

A MISSÃO DE FORMAR e educar para a vida, para o amor e para o mundo é a tarefa mais difícil que experienciei, mas existe uma força superior a tudo e a todos que nos sustenta e fortalece, e que nos surpreende. Começar a traçar uma linha que seja plana e que, por acaso, tenha curvas, mas que sejam suaves e que encontremos logo à frente um porto seguro....

Esse é o desejo que qualquer pai ou mãe tem em relação a um filho. É como querer que os caminhos deles sejam mais fáceis que os nossos, como se pudéssemos retirar todas as pedras e para tornar a caminhada suave e sem nenhum obstáculo. Mero sonho nosso! – que, inclusive, não faz bem para a construção de nenhum ser humano.

Desejemos que, por mais difícil que seja trilhar esse caminho, ninguém se perca, que estejamos sempre juntos, sendo suporte um para o outro. Assim, o sucesso chegará e será recheado de comemorações.

Impossível manter um filho por perto toda a vida. Haverá situações em que voar será inevitável, e nossa missão é estarmos prontos para deixá-los alçar esses novos vôos. Devemos encorajá-los para que se torna em protagonistas de suas vidas. Esse é o nosso papel.

Só o tempo cura toda dor, amadurece aqueles que buscam crescer em todos os aspectos e faz realizar os sonhos que os desejos do coração brotam em cada um. Uma hora eles irão seguir, e a nós... ah!, a nós vai caber a espera. Esperar eles retornarem ou para visitar ou para fazer lar outra vez!

Quais as lembranças que nossos filhos irão eternizar?

E POR FALAR EM lembrança, quais serão as lembranças que deixaremos para nossos filhos?

Como eles nos olham hoje?

E como será que irão nos enxergar amanhã?

Quais as marcas que estamos deixando, plantando, regando, e de que maneira tudo será colhido?

É preciso curar a alma, os corações, pois pensamos muito no futuro deles, nas escolhas e na felicidade de cada um. Apesar do tempo de institucionalização, ainda não consigo perceber marcas de tristezas ou lacunas emocionais das quais o tempo não possa cicatrizar. Claro, elas existem, existem muitas, várias... em cada uma delas existe muito a ser desconstruído e refeito, ou ao menos melhor trabalhado. É importante fazer essa análise quando a adoção é relacionada a crianças maiores, e essa é uma questão que preocupa os pretendentes.

Essas crianças ou adolescentes trazem lembranças, que, em sua grande maioria, foram tristes e profundas. Tantas são as feridas da alma, que precisamos estar firmes e bem orientados para conduzir com total delicadeza determinados assuntos. Grande parte da história pregressa dessas crianças e adolescentes é partilhada com os pretendentes pela equipe da instituição ou mesmo pela Vara da Infância, mas podem existir situações bem difíceis de conduzir. Quando as cicatrizes da primeira infância são negativas, abusivas e traumáticas, toda a construção seguinte precisa caminhar de mãos dadas com um bom suporte multiprofissional.

É preciso reforçar esse alicerce para continuarmos construindo e contribuindo de maneira segura e positiva. Não são poucas as crianças que chegam com déficit cognitivo, diagnósticos de autismo (muitas

vezes equivocados), uso de psicotrópicos (por vezes desnecessários), crianças com comportamentos difíceis etc., fruto da omissão de orientações, cuidados e de um convívio familiar inexistente ou de inúmeras negligências maternas e paternas.

Vale salientar, inclusive, que grandes abusadores são, em geral, os próprios familiares (pais, irmãos, tios etc.). Refiro-me a todas as formas de abuso existentes. Compreender um ser que tantos direitos lhe foram privados e acreditar que não existirão sequelas é algo pouco possível. Mais uma vez, o amor entra em cena. Esse sempre será o principal ingrediente, o principal remédio, o bálsamo para tudo.

Por isso, lidar com esse terreno minado é algo que exige muito de nós, mas que, em vez de ser desencorajador, é instigante, pois cada pai/mãe que deseja abraçar a paternidade/maternidade por meio da adoção tardia, quer o quanto antes curar essas cicatrizes. É como se fosse preciso vários e vários curativos na alma. Inclusive, ganhar a confiança dessa criança ou adolescente já é algo excepcional para esse trabalho de cura.

Entendem por que, no começo, falo tanto da importância de conquistar a confiança e da necessidade de tanta repetição, pois certamente vocês terão a mesma conversa dezenas de vezes, e sabe por quê? Porque, como um quebra-cabeça, em cada conversa, uma nova peça se encaixa e só com paciência e repetições conseguimos algo grandioso no fim. Repetir cansa, mas posso garantir que falar desse amor com toda força do seu coração não lhe cansará.

Não vou expor aqui as peculiaridades de cada filha nossa, especificando dores em particular, mas, sim, de uma maneira generalista. Vamos discutindo e apresentando a vocês algumas dificuldades e de como essas foram e ainda estão sendo sanadas.

Ah! Voltando um pouco, quando falo em quais lembranças deixaremos para os nossos filhos, em particular aqui em casa, por se tratar de uma “*big family*”, nas horas vagas adoro cozinhar. Acho que é um prazer gustativo de todos que preparam algum alimento ver quem come querer mais e repetir (risos). Sei que memórias gustativas já foram plantadas em todos eles mesmo que tenham vindo do período

de institucionalização.

E por falar em memória gustativa, comida de mãe é tudo de bom. Mesmo após casar e passar anos sem experimentar a comida de minha mãe, basta fechar os olhos e vem tudo à tona; recordei-me do bife acebolado da minha mãe, do arroz refogado e soltinho que nunca consegui fazer igual, do feijão temperadinho... hum! Comida de mãe vem temperada com afeto; o cheiro atravessa portas e janelas e, no meu caso, no início da rua voltando da escola eu já identificava o cardápio do dia. Nada melhor que chegar em casa e saborear aquele prato delicioso com um suco de fruta com muito gelo.

Assim como minha mãe me deixou todas essas memórias, também pretendo deixar o máximo possível em cada filho meu. Por isso esse papel de ir à cozinha com elas tem sido muito bom. Elas até já descobriram alguns segredos que eu tinha, mas, quando se tem quatro filhas, não existem mais segredos, não é? A minha vida virou um livro escancarado. Em geral, durante a preparação dos alimentos surgem as histórias de família, as perguntas sobre minha vida e cada momento desses tem muita riqueza, muito detalhe, muita descoberta, pode crer! Descobertas até dolorosas.

Até o bolo solado vira delícia; depois de uma calda de chocolate, não sobra nada. Motivada por elas, tenho ido bem mais à cozinha e preparado tudo com muito carinho.

Só consigo ser grata por tudo e gritar ao mundo o quanto é mágico fazer o outro perceber-se em tantas descobertas. Isso tem sido muito bom de viver, de sentir.

Hoje, 21 de fevereiro de 2021, enquanto escrevo aqui Juliana pediu para me fazer companhia e com lápis e papel ela está a desenhar aqui do meu lado, elas adoram desenhar, em geral estes desenhos nos falam muito sobre elas através de suas ilustrações. Nem consigo contar a quantidade de bilhetes, cartinhas, desenhos e tantas outras recordações que ganhamos e estão guardadinhas. Incentivamos a criação do nosso potinho da gratidão, onde vamos colocando lá dentro tudo que nos faz ser gratos. O potinho está super cheio – bom sinal, significa que tem muita gente alimentando esse pote.

Assim seguem nossos dias. Sempre novos desafios surgem. Nada é estático nem pronto. São seis vidas e seis personalidades, imaginem! Uns mais comunicativos, outros mais introspectivos, uns explodem emoções, outros guardam as emoções numa tentativa de proteger-se – talvez o medo de um novo abandono. Compreender cada um deles leva tempo; requer estudo, dedicação e paciência.

É sabido que alguns pais lidam com crianças com comportamentos agressivos. Em geral, o comportamento agressivo do filho adotado diz respeito ao medo de um novo abandono. e então, em vez de essa criança demonstrar amor, ela passa a ter um comportamento de raiva, contrariando as expectativas dos pais. Portanto, estes devem retribuir com muito amor, reafirmando sempre que a criança estará segura em seu lar. Essa relação de confiança não acontece instantaneamente; ela é construída por meio das atitudes, das ações e das palavras.

É importante entender que na adoção tardia a criança chega trazendo suas memórias do convívio com a família biológica. Muitas vezes, essas lembranças são preservadas e não conseguimos apagar. Como já disse, buscamos ressignificar, a partir desse novo momento. Mesmo que seja dolorido em nós, não podemos excluir essas pessoas, nem tão pouco alimentar ódio. Na verdade, devemos ser gratos, apesar de tudo, pois esses geraram nossos filhos. Comecem a desconstruir nas crianças qualquer sentimento de revolta que elas sintam pela família biológica.

É importante que o perdão seja, aos poucos, trabalhado em seus corações. Isso também é gradual e exige certa maturidade para que eles, de fato, sintam. Isso serve também para nós. Na verdade, só iremos conseguir ensiná-los sobre o perdão quando nós perdoarmos primeiro. O perdão é libertador e é cura para a alma, para a vida.

Quando todos esses aspectos se alinham, as crianças conseguem falar do passado (quando estas falarem) e isso virá de uma forma mais leve, naturalmente e sem ar de revolta ou tristeza. Por várias vezes escutei de minhas filhas relatos que são muito nítidos em suas memórias do período de convivência com os pais. A cada conversa,

uma nova descoberta, muitas vezes contextualizando com algum momento.

Certa vez, chegando do supermercado, ouvi uma delas falar que já havia comido tal biscoito, pois o pai comprara. Naquele momento não vi tristeza, nem qualquer outro sentimento ruim, vi uma recordação positiva que a fez sorrir, e até me senti feliz por saber que aquele biscoito recheado elas já haviam saboreado. Como posso apagar isso? Entre outras situações que ocorrem e que eventualmente remetem ao passado, não há como fingir que tudo foi apagado e agora tudo se fará novo. Claro que buscamos incansavelmente sanar as dores e os danos psicológicos, mas também precisamos aceitar e agir com naturalidade.

Comigo funciona assim: sempre que acontece isso, eu vou investigando para conhecer um pouco mais e vou minimizando os aspectos negativos. Busco agir com naturalidade, jamais julgar e, naturalmente, a conversa se encerra e logo entramos em outra história. É sempre assim e, dessa forma, tem sido mais fácil; ou melhor, tem sido menos difícil penetrar nesse passado que ainda desconheço. Claro que sabemos muitas coisas, mas quantas outras irão surgir a todo tempo! Busquem respeitar o tempo deles. Podemos errar muito se ficarmos insistindo em saber como era o convívio com a família biológica. Relembrar traz para o presente o que está guardado. Se não se sentir pronto e, acima de tudo, se a criança não estiver pronta, deixe, portanto, para um profissional adentrar nesse campo. Tudo tem hora certa, podemos achar que estamos preparados, mas essa revisita ao passado pode ser danosa para todos.

Minhas filhas não estavam para adoção, mas o impossível aconteceu!

JULIANA FOI A PRIMEIRA das três irmãs que conhecemos, foi por Jú que tudo se deu início.

Só relembrando: adotamos Naionara em 2018, quando ela estava na busca ativa do Ceja-PE e conhecemos Juliana, Joelma e Mirian no mesmo dia em que conhecemos Naionara. Porém tudo se construiu com o tempo, e só em 2020 recebemos a guarda das três irmãs.

Jú era a “relações públicas” do abrigo: dava conta de tudo, explicava tudo e sabia a vida de cada um e o motivo de estarem ali. Era muito engraçado. Ainda tão pequena, mas tão comunicativa e super articulada. Todo mundo ficava louco por ela. Sabe aquelas crianças que encantam? Jú é uma delas. Sinto dentro do meu peito o quanto este mundo vai ser pequeno para essa menina. Timidez jamais! Ísis Juliana é comunicação pura. Recordo-me de quando chegávamos durante o tempo de visitas. Ela sempre estava na porta esperando toda perfumada e penteada. Voava num abraço daqueles que quase derrubam qualquer um, com seus cachinhos enrolados a dedo pelas tias do abrigo, com cheiro de cremes (aquele cheiro de creme era sempre o mesmo). Lá no canto, à espera do nosso abraço, estava Mirian, tímida e linda, nossa boquinha de coração... tão “pititinha”... esperava irmos até ela, colocar no colo e encher de beijos; e assim as nossas tardes de sábado iam se esvaindo.

Joelma, a irmã mais velha, sempre estava mais distante. Víamos-na sempre envolvida nas atividades com as tias do abrigo, e conquistá-la demorou mais um pouco. Ela parecia se esquivar de nós, mas depois entendi que poderia ser medo de uma não aceitação, pois, na

cabecinha dela, nós desejávamos adotar apenas suas irmãs menores. Mal sabia ela que já havíamos decidido que, se tudo de fato ocorresse favorável a nós, ela também seria nossa filha. Todas as tias do abrigo deram muito amor e carinho às nossas filhas e, junto conosco, viveram essa ansiedade louca. Quando consegui finalmente olhar Joelma nos olhos, eu disse-lhe que ela também seria nossa filha se todo o processo de adoção ocorresse positivamente. Esse misto de medo e ansiedade durou um ano e três meses. A cada visita, os laços iam se estreitando. Sempre levávamos nossos outros filhos, que, de forma democrática, participaram de toda a espera. Então brincávamos, lanchávamos, mas sempre dentro das paredes da instituição. A esperança em adotar as meninas existia, porém “apenas em nossos corações”, pois elas não estavam para adoção, já que juridicamente havia um processo de destituição se concluindo e pouco sabíamos sobre este. Acreditem, até carta escrevi ao juiz. Já viram tamanha doideira? Como se aquelas palavras de afeto pudessem mudar o que determina a lei.

Um amor gigante crescia em nós. Quero expressar aqui sobre a ética e o profissionalismo de todos os envolvidos, desde a equipe da casa de acolhimento até a equipe da vara responsável. Nunca nenhum profissional plantou em nós alguma semente de esperança. Para todos, era um processo quase impossível e sem data, mas nós nunca desistimos. Esse tempo foi necessário para que estivéssemos prontos emocionalmente para tudo que estaria por vir (ao menos achávamos que estávamos).

Até que, em determinado período, iniciaram-se as audiências compartilhadas, que ocorrem quando o juiz revisa caso a caso e conversa com as crianças maiores. Pois bem, as meninas foram levadas ao fórum e Juliana, como sempre, uma pimenta, disse ao Sr. juiz que queria vir para a mãe Naiany e o pai Hélder. Claro que o juiz não entendeu nada. Nesse momento, ele explicou como se dava todo o processo e explicou sobre o SNA (Sistema Nacional de Adoção). Nós éramos apenas voluntários levando amor não só para elas, mas para todas as meninas daquela casa. Afinal, eu conhecia todas! Apenas uma vez ao mês estávamos juntos levando o pouco que podíamos. Fizemos festas de natal, dia das crianças etc. De fato, doe-me a todas elas, pois

era um lar só de meninas – embora existisse a unidade física que abrigava os meninos, sempre ficávamos no lar feminino.

Nos momentos das comemorações maiores, eu conseguia, por intermédio de grupos de amigos, arrecadar muitas doações. Fazíamos as festas junto com todos, mas sempre tínhamos um olhar especial para as nossas meninas. Muitas foram as noites em que chorei junto com Hélder desejando tê-las conosco.

Após essa audiência compartilhada e sabendo o juiz do que estava ocorrendo com o processo das meninas, foi solicitado e realizado busca ativa nacional e internacional para o grupo dos seis irmãos (pasmem!), pois as meninas tinham três irmãos na instituição masculina. Tudo era muito improvável para nós. A busca foi realizada, porém sem sucesso. Não é fácil um perfil para seis, então foi solicitado por parte do juiz um relatório multiprofissional sobre a “possibilidade” de uma separação do grupo de irmãos. Foi uma espera que só quem vive conhece; não dá para descrever. Perdoem-me.

As coisas iam acontecendo e nós não tomávamos conhecimento. Após relatório entregue à vara, favorável à separação do grupo de irmãos, eis que outra saga nos esperava: aguardar nossa vez na fila do CNA (Cadastro Nacional de Adoção). Claro que, para que outro casal pudesse adotar as meninas, seria necessária a aceitação delas, mas nunca saberíamos o que poderia ocorrer. E se um casal quisesse adotar todos os irmãos? Para a vara, seria este o casal ideal. Então nada era certo, apenas o amor em nossos corações e, como falei, não houve nenhum tipo de interferência que pudesse plantar em nós alguma certeza. Era tudo muito sigiloso e hoje eu entendo tudo isso.

Algumas pessoas me falam que o processo de adoção é burocrático. Já escutei até pessoas falando: “Eu queria muito adotar, mas é muito difícil!” E eu acho extremamente absurdo, pois são vidas em jogo, e adoção é um ato irrevogável. Portanto, pressa é a única coisa que não pode existir nesse processo.

Não se pode flexibilizar as etapas. Sabemos que o número de devoluções é real. É triste e danoso para a criança ou adolescente. É mais um abandono, e enxergo como uma possível causa desses

acontecimentos o tempo curto e imaturo sobre o debate e o amadurecimento do assunto.

É preciso massificar essa informação nos adotantes, principalmente os que optarem pela adoção tardia, mostrando todas as faces, mas apontando que é possível ser a diferença na vida dessas crianças e adolescentes. Existem relatos de devoluções em que, em seguida, descobre-se que apenas uma das partes estava desejando. O desejo, o esforço e o amor precisam e devem ser um trabalho de parceria, de mãos dadas. Mesmo existindo momentos de muitas angústias, quando existe “parceria” qualquer situação torna-se bem mais leve de conduzir.

É melhor amadurecer a ideia e esperar do que agir precipitadamente trazendo um adolescente, por exemplo, e, em seguida, perceber-se incapaz de lidar com esse universo e devolvê-lo para a institucionalização. Imaginem a cabeça desse(a) jovem. São incalculáveis os danos e crenças limitantes que irão brotar desse ato. Estes, inclusive, estão inclusos sob pena de lei com a finalidade de punir tamanha atitude, que, no mínimo, ocasiona a real necessidade para a criança ou adolescente de acompanhamento psicológico por um bom tempo.

Escutei um depoimento no grupo de apoio de minha cidade no qual um jovem de 15 anos nos deixou emocionados ao relatar sobre sua experiência como filho. Ele foi adotado e devolvido nove anos depois (isso é real). Como pode descobrir que o filho com quem conviveu por nove anos não é mais filho? A doçura daquele menino e as lágrimas derramadas ali são coisas de que não esqueço. A grande felicidade foi ver que ele estava apadrinhado por uma nova família, e que os finais de semana ele passava junto com essa família. E ele estava extremamente feliz, mas fiquei imaginando como os dias dele são longos até chegar a sexta-feira à tarde e de como é dolorosa a despedida no domingo. Por outro lado, ficamos felizes demais em saber que ele ganhou um pai, uma mãe e uma irmã, que, por sinal, foi ela que fez esse encontro acontecer. Um amor que gritava dentro dele e que acredito ter sido real apenas nesse momento de sua vida. Não acredito que ele tenha sido tão amado antes quanto nesta fase,

infelizmente.

Mas como já citei, Deus já sabia de tudo e estava escrito todas essas linhas que aqui também escrevo. Após a entrega do relatório de avaliação sobre a possibilidade de separação do grupo de irmãos, com a finalidade de possibilitar uma futura adoção. Foi realizado, por meio de solicitação do Ilmo Sr. Juiz, busca ativa nacional e internacional para os irmãos e para as meninas, seguindo a sequência do CNA, porém os perfis encontrados não eram compatíveis com as idades e opções que pudessem cruzar com o perfil das nossas filhas e de seus irmãos. O Juiz determinou 15 dias de busca e nós apenas entregamos ao bom Deus (acho que Deus nunca teve tanto trabalho na vida). Diminuíamos dia a dia, e o silêncio nos consumia; pedíamos que fosse feita a vontade de Deus sempre. Por mais que isso fosse doloroso.

Um parto e tanto não acham? Pensem num pré-natal de alto risco e cheio de suspenses; as contrações eram as batidas aceleradas de nossos corações.

Após busca ativa finalizada e encerrado o prazo determinado por não haver perfil compatível, fomos convocados à uma audiência em 14 de janeiro de 2020, às 11 horas. Estavam presentes o Ilmo Sr. Juiz, seu assistente, uma promotora e também uma advogada. A audiência fora recheada de perguntas e lágrimas. Vi a promotora e a advogada chorarem junto conosco; foi arrepiante. Não sei explicar. É outra coisa que só quem vive entende (cá pra nós, eu estava tão confiante que já havia mandado as meninas arrumarem tudo, pois naquele dia elas chegariam à casa). Olha, que doideira? Não façam isso! Fui louca demais.

Quando do fim da audiência e dada à guarda provisória, que nos intitulava como família “acolhedora”, pois essa audiência ocorreu como alternativa de colocar as meninas numa família “acolhedora”. Isso é previsto em lei e é uma opção para casos como esses, o que propicia à(às) criança(as) a convivência familiar e o suporte afetivo necessários ao seu desenvolvimento saudável; afinal, já estaria a completar quatro anos que elas estavam no abrigo – isso é tempo demais.

Porém o fato de sermos família acolhedora não garante a concretização da adoção, mas aceitamos correr o risco com nossos corações abertos.

Audiência finalizada, papéis assinados e eu olho para o juiz para fazer a pergunta mais temida: “Sr. Juiz, poderemos levar as meninas ainda hoje ou existe algum prazo?” (Já imaginaram meu coração o tamanho que ficou, né?) e ele lindamente responde: “Claro, podem levá-las hoje, sim.” (gritos... dentro de mim, claro). Saímos de lá saltitantes, não? Vocês não imaginam o que é viver isso!

O carro mal parou na frente do prédio do abrigo e já ouvíamos os gritos lá dentro. “Juliana, seu pai chegou! Mirian, sua mãe chegou!” (risos). Até o som do nosso carro já lhe era familiar.

Ao ver aquele portão abrir, eu jamais esquecerei aquela cena. Tem um vídeo que gravei tudo. Achei que ia desmaiar, que não suportaria... imaginar que eu iria tirá-las de lá e aquele era o dia e a hora, ver a reação delas, o amontoado de coisas na sala do abrigo... imaginei que não caberia no carro, mas eu sabia a importância afetiva de cada coisa ali. As lágrimas das tias que há tantos anos cuidaram delas, a torcida por nossa vitória, o pulo gigante que Juliana deu em cima de Hélder, o carinho de Mirian correndo pra mim, o jeito feliz de Joelma toda mocinha...

Recebemos uma homenagem linda, uma música feita para mim, uma letra linda escrita pela talentosa Adriana –hoje adotada pela assistente social do lar – a mais linda homenagem que recebi. E como fiquei feliz quando ela foi adotada. Vocês vão entender como vibramos com cada saída. O sonho é ver os portões da instituição se fecharem de vez para que cada um possa ter a sua FAMÍLIA.

Só quem vive algo assim pode entender.

Enchemos o carro com tudo. E deu trabalho, viu? Elas saíram dali com o coração transbordando de esperança e nós com os corações transbordando de medo e alegria. Uma mistura louca de sentimentos fazia o coração acelerar e o frio na barriga aumentar; me recordo que agarrava à perna de Hélder enquanto dirigia com um sorriso de canto a canto. No começo da viagem um barulho só: todas queriam falar ao

mesmo tempo. Lembro que Joelma já havia pedido para escutar música no som do carro bem alto, e assim fizemos. Elas escolheram a trilha sonora e vibraram.

Depois uma foi cochilando, depois outra... olhei Hélder e senti uma paz enorme. Elas dormiam em cima de ursos e bonecas. Os cabelos de Juliana impecáveis de creme em seus cachos moldados a dedo, lembram? (Eu já imaginava se conseguiria fazer aquilo). Elas estavam todas arrumadas como se fossem a uma festa e, de fato, foi uma linda festa.

Chegamos em Caruaru e já era noitinha. A grande delícia de tudo é apresentar a elas o cantinho de cada uma, sua cama, seu guarda-roupa, suas novas roupas... suas novas vidas! Afinal, para uma vida nova, tinha que ter tudo novo, cremes e shampoos, perfumes, colônias de banho, tudo escolhido por mim e para cada uma delas; tudo arrumadinho do meu jeito de mãe.

*Adoção é amar e assumir como filho
alguém que não nasceu de nós, mas nasceu para nós!*

Marcília Arantes

Gente do céu, é muito louco parir assim... bonecas esperando serem abertas, presentes, travesseiros e fronhas novinhas perfumadas com amaciante, toalhas de banho cheirosinhas. Em tudo que fiz, todo amor deixei, de nada me arrependo. Eu e meus exageros... queria comprar o mundo, mas precisei colocar um freio, ser racional, funcional e fazer o que era necessário, e assim organizamos tudo.

Na primeira noite, levantamos várias vezes para ver como elas estavam. Consigo lembrar-me do primeiro banho, ansiosa pelos novos perfumes que iriam fazer parte delas a partir de agora, a escolha das roupas, ufa! Quantas coisas pudemos oferecer, como sou grata ao meu Deus!

Pijamas cheios de cores, roupas que batemos o olho na vitrine e já imaginamos cada uma usando-as, sapatos, sapatilhas, frases, quadrinhos, livros, e logo eu, que sempre vivi a maternidade num universo masculino (que, diga-se de passagem, é bem mais prático), vi-me a desembaraçar os cabelos de cada uma e atolar cremes e defrizantes. Eu fui estudar sobre cachos e jamais imaginei que existiam subdivisões de cacheadas – eu era aprendiz de mãe de menina (risos).

E, enquanto eu aprendia a lidar com aqueles cabelos, ouvia as histórias de uma vida, do abrigo, das tias, e, entre fatos tristes e poucos alegres, elas conseguiam me arrancar várias risadas. Começamos a rezar juntos antes de deitar. Elas já gostavam, então queríamos tornar hábito. Juliana e Mirian sempre adoravam nossas orações. Até hoje elas não conseguem dormir sem antes rezar. Com os outros sendo adolescentes, mostramos a importância de Deus em nossas vidas, esperando o momento e a intimidade de cada um serem construídos.

A importância afetiva que o pai ocupa na vida das filhas é muito positiva. Recordo-me que um dia Mirian estendeu os braços, olhou para o pai e pediu: “Pai, me leva pra cama?” Eu vi aquilo pulando de alegria e orgulho e ele prontamente disse: “Claro, meu amor, e colocou-a nos braços e a levou para a cama. O quarto era ao lado. Não daria cinco passos, mas certamente esse caminho para ela foi e sempre será inesquecível.

Entendi que naquele caminho muito se plantava, em especial confiança e proteção, pois ter um pai para uma menina é como ter um super-herói com super poderes. Depois disso, Juliana pediu a mesma coisa e vez ou outra elas pedem isso novamente. Não sei até quando ele vai aguentar, pois elas estão crescendo muito.

Hélder é o pai que abraçou intensamente a paternidade de uma maneira até surpreendente; ele sempre beija cada filho antes de dormir indo em todos os quartos. E eu acho muito massa essa autoconfiança que ele faz brotar e que tanto desejamos para todos eles. Confesso que, trabalhando em três turnos, chego “morta”. Por vezes, acabo sem forças de fazer esse percurso, mas sinto-me menos culpada, pois sei que ele já o fez. Afinal, nosso trabalho é de parceria; porém sempre que consigo, vou cobrir cada um e dar um beijo de boa noite.

São tantas coisas pequenas que podemos plantar e deixar como sementes de memórias afetivas positivas e de uma forma tão linda em nossos filhos. São essas coisas que o dinheiro não compra: uma xícara de leite quente com canela em noites de frio, por exemplo, um Nescau saboroso e cheio de espuma antes de dormir (com sabor de casa de Vó)... São memórias que são nossas e queremos perpetuar; um café na cama no dia do aniversário, mesmo sendo o trivial de todos os dias que seja servido. É sobre o ato que falo, é sobre pertencimento, sobre família.

Nosso começo de vida a dois foi muito duro, mas muito duro mesmo; pulamos etapas, e pular etapas significa sofrer. Isso nos rendeu muito aprendizado e muitas lágrimas. Como pais, buscamos plantar em cada filho o nosso melhor. A nossa melhor versão é

produzida para eles. Pais protegem, amam, educam, repetem, repetem, repetem e repetem...

E, muitas vezes, de tanto repetir, o corpo cansa, a alma cansa, o coração chora, mas aí vem uma noite de sono no meio de tudo e estamos nós a recomeçar: proteger, amar, educar, repetir, cansar, levantar e seguir, porque é o curso da vida...

Todavia chegará o momento em que já não mais será necessário repetir tanto; já sinto esse momento perto (já repetimos bem menos). Chegará uma hora em que eles irão voar, partir, seguir, conquistar...

Afinal, todo esse trabalho de melhorar nossos filhos e prepará-los para o mundo e para a vida, um dia vai ser cobrado de nós, pois os devolveremos para a vida. Que eles possam escrever suas trajetórias da forma mais perfeita. Nós estaremos sempre a postos para escutar, orientar e repetir, se for o caso, mas eu acredito fortemente no poder transformador e impactante que envolve a maternidade/paternidade. Acredito que estamos acertando mais do que errando e que o caminho não é tão longo. Já se foram quase três anos e paro imaginando que em cinco anos nossos filhos mais novos terão 18 anos... E, com 18 anos, a vida tem sabor de “quero mais”. Tem sabor de VIDA.

As conquistas de nossos filhos são nossas conquistas

ESTOU TODA ORGULHOSA, COLHENDO nosso primeiro fruto.

Nosso primogênito, Gustavo, hoje com 18 anos, iniciou uma nova fase, fechando um ciclo e iniciando outro. Que ele seja feliz! Esse é nosso desejo maior. Gustavo está focado na área de *marketing* digital e cabe a nós incentivar e colocar nele toda confiança que ele precisa para vencer. Esse é apenas o primeiro passo de tantos que estão por vir. Ele sempre nos honrou com a educação que recebeu e acredito que, desta forma, estamos conduzindo bem nossa família.

Mas coração de mãe aperta; parece que a gaiola abriu e, a qualquer momento, ele pode voar. Cabe a nós continuar orientando. Desejamos a felicidade plena dele, pois Gu nos ensinou a ser pai e mãe. Enfrentamos grandes batalhas juntos, desde o ventre, quando fomos parar numa UTI.

E, quando criança, quantos dias eu passei sem vê-lo, pois, ao sair, ele dormia e, ao chegar, já estava a dormir. Recordo-me como era difícil comprar as roupas para ele. Foi uma fase de lágrimas, mas era dele que vinha a força que me movia a conquistar os sonhos e mudar de vida. E foi assim, tijolinho por tijolinho, que fomos construindo nossa família.

Depois chegou nosso príncipe Guilherme, já em outro contexto e com uma vida mais confortável e um lado emocional materno mais maduro. Estava tudo fluindo até Deus nos mostrar mais quatro filhas, quando nossos planos eram apenas ter nossos dois rapazes.

Saudade do meu Gustavo magrelo, chato pra comer, que voltou a tomar mamadeira quando o irmão nasceu, que era duro nos sentimentos, mas firme em suas ações; que se tornou o melhor irmão do mundo e o parceiro de vida de Guilherme. Somos imensamente

gratos a Deus. Ver a ligação afetiva que existe entre eles é algo mágico. Essa união, esse respeito e esse amor fazem nossos corações explodirem de orgulho. São seis anos de diferença que, na prática, não fazem diferença alguma. Gustavo ensina a Guilherme, e vice-versa. Essa troca diária faz deles um só. Guilherme é nosso príncipe, dono de uma doçura ímpar, a personificação do carinho, meu “grudinho”, minha paz, é luz, nossa luz.

É mágico entender cada filho, onde dói mais, fragilidades e personalidades. Hoje conheço um a um.

O que todo pai espera é um futuro de tranquilidade, prosperidade e felicidade para cada filho, que seus sonhos os conduzam às melhores escolhas e que sejam bons filhos e, conseqüentemente, bons pais. Apenas esperamos como retribuição, amor e carinho.

E de tanto amor fui vivendo;

De tanto fui me doando;

De tanto fui me esquecendo;

De tanto me peguei chorando.

De tantas falhas fui me fazendo;

De tantos remendos fui me tornando;

Mas do amor eu não esqueço;

Este ainda continuo doando;

E esse amor que se vai;

Logo ele volta, pois tudo

Que oferecemos o mundo

Nos retribui de volta.

De todo mal que fazemos;

ao amor que doamos, assim é o tempo, assim

É a vida, um dia tudo

Retorna, um dia tudo

Renova.

Amigo leitor,

Hoje estou na fazenda, a tão falada Casa Amarela, lembram? Ela tornou-se nosso lugar de descanso, nosso paraíso. As cores por aqui são vibrantes; aqui os dias são de sol e de alegrias. Uma mesa de três metros aconchega quem chega à nossa cozinha; cômodos com espaço e, lá fora, uma imensidão de terras para correr, brincar, fazer fogueiras, brotar memórias...

Nesse lugar comemoramos tudo, e a pandemia me ensinou a gostar daqui, em especial agora que conseguimos ter nosso cantinho, com nossa identidade, nossa cara, nossas cores. Lugar que me inspira poesias, que me inspira viver.

Deitada em minha cama, a janela aberta me apresenta um céu azul, refletido nas paredes do nosso quarto, brancas como a neve. Aos poucos, o céu vai escurecendo e as nuvens sumindo, então surge uma escuridão anunciando trovões que trazem chuva. E chuva no sertão é alegria na certa.

*chuva por aqui é sinônimo de vida;
A chuva faz brotar o verde onde antes era tudo cinza
A chuva que leva a poeira seca, e faz surgir o cheiro de terra
molhada;
realça a alma, renova esperança, brota vida
Naiany Arruda*

Nossas filhas também aprenderam a amar esse lugar. Entendi que a fazenda faz parte das raízes e que é lá que elas vão passar grande parte dos fins de semana e feriados. Então após concluir a obra, fomos arrumando os cômodos de maneira a caber todos e acomodar da melhor forma. Afinal, ali é nosso segundo lar, e as meninas andam a cavalo. Naionara e eu inventamos artes, pintamos vasos, vamos tentando recuperar móveis antigos, transformar, rir, decorar o nosso canto. As crianças brincam, tomam sol, as bochechas ficam vermelhas, o suor escorre e eu só consigo ver liberdade e felicidade nelas.

Ainda temos a casa da Tia Gorete logo do lado. A Tia Gó, depois de minha mãe, é o ser que mais amo. Ela e toda sua família adotaram conosco cada uma das meninas e temos, por todos, um amor imenso. Ela ensina tudo que sabe e tem a paciência de deixar plantada em cada uma das meninas sua lindeza de coração.

Então, com a pandemia, Tia Gó foi definitivamente morar na Fazenda e eu entendi o que tudo aquilo significava. Hoje a Fazenda é nossa segunda casa; temos o mesmo conforto, espaço e um lugar de muita paz. Nossos melhores momentos são lá, compreendi o papel fundamental de Tia Gorete e de como ela foi um anjo que Deus colocou em nossas vidas, assim como tantos outros anjos e hoje esse universo da fazenda é delas também, e elas aprenderam a amar aquele lugar.

E isso é memória para a vida.

Já nos pegamos a imaginar netos correndo pela casa. (Parece louco, né? Mas o tempo passa tão rápido que é isso aí mesmo, a continuação de nós)... Sem contar na nossa tão sonhada capela branca

de portas azuis, onde celebraremos muitas benções, sonhos para o futuro, que certamente estarão a realizar-se em breve.

Um relato de amor, um presente comprado para o pai

LEMBRAM QUANDO FALEI QUE não tem ordem cronológica, mas tem ordem de amor, de sentido e de significados? Em agosto de 2020, próximo ao dia dos pais, acabei dando a Naionara e a Joelma 40 reais para cada uma. Na verdade, como não instituímos mesadas, sempre damos o que podemos.

Só que era uma data próximo ao dia dos pais e vou falar a vocês. Elas tem um amor imenso por esse pai. É muito lindo ver nos olhos delas esse amor paterno. Fomos ao centro da cidade – fico querendo motivo para andar no centro; adoro garimpar as coisas legais, comprar coisas com preços bons, enfim, adoro uma “muvuca”...

Sempre tento fazer programas por faixa etária. Muitas vezes, saímos todos juntos, outras vezes faço algo só com os menores, em outras ocasiões, quero sair só com Gustavo e conversar. Afinal, ele já tem uma cabeça ótima e hoje é ele quem me ensina; outras vezes quero um programa de moças e levo as mais velhas. E, assim, vamos fazendo, até porque imaginem levar seis ao Mac? Desta forma, consigo direcionar melhor e dar mais atenção.

Nesse dia, fui com as mais velhas. A intenção era, na verdade, uma aula de economia. Com quarenta reais, não se faz muita coisa, mas numa loja de biju, dá pra comprar umas coisinhas. Adoro comprar o que chamamos no nordeste de “bugigangas”, ou seja, objetos de pequeno valor, sem muita utilidade.

Lá vai eu e elas à caça, mas eis que o comércio estava com cara de Dia dos Pais e Naionara diz que quer comprar algo para o pai. Nessa hora, eu já achei mega desafiador comprar algo com esse valor, mas, beleza, podia ser uma *squeeze*? Uma caneta? Aí ela lembra que o pai estava a precisar de uma mochila para trabalhar. Bolsa é um item

caro, mas ela achou uma mochila importada por 80 reais. Porém antes já haviam gastado algum valor que não me recordo. Na hora ela olhou para mim e me mostrou a bolsa, olhou para Joelma e disse: “Quanto você tem? Só de lembrar começo a rir...”

Joelma é a mais velha das três irmãs e ela chegou para nós com um instinto materno para com as irmãs, pois ela cuidava das irmãs menores e, sempre que ganhava algum valor, comprava coisas para as irmãs e não para ela. Precisei fazer ela entender que essa responsabilidade agora era minha, e que ela é minha filha; portanto, tudo aquilo havia terminado. Como Joelma vinha dessa situação de privação das coisas para ela em prol das irmãs, ela hesitou um pouco antes de concordar em comprar a tal mochila. Deve ter pensado: *Ah! Vou ficar sem dinheiro outra vez!* Mas, mesmo meu coração quebrado por dentro, eu as deixei decidir o que fazer, e Joelma repassou para Naionara tudo que tinha, mas a tristeza que abatia nela era visível, não por não querer presentear o pai, mas ela foi pega de surpresa quando estava adorando a farra...

Acontece que, mesmo somando todos os valores, ainda faltavam 20 reais. Ainda pedi para Naionara falar com o gerente para tentar conseguir algum desconto, mas era só a atitude que eu queria ver. Resumindo, falei que eu completaria o valor e assim foi feito. E elas voltaram para casa felizes. Em nome dos filhos homens, Gustavo e Guilherme, comprei uma garrafa de água bem legal para compor o *kit* do Papai. E esse foi um dia dos pais bem especial. Naquele dia entendi que estávamos no caminho certo quanto à educação dos nossos filhos. Claro que, em outros momentos, Joelma teve a oportunidade de escolher várias coisinhas. Sempre curto fazer isso. Em especial com ela, mas ela tem sempre uma preocupação financeira. Como viveu privações e percebia que, na prática, o pouco dinheiro que ganhava ia embora rapidinho, ela sempre demonstra uma preocupação mesmo sem ainda entender muito sobre o que é caro ou o que está com bom preço de venda. Na cabeça dela tudo é custo, e ela sempre questiona valores e diz: “Não precisa, mãe!”

Isso é apenas uma situação que lhes relato. Imaginem só essa consciência financeira e a intenção de presentear o pai como forma de

agradecer por tudo que faz e o que ele é? O quanto isso é recompensador. Não que façamos nada esperando algo em troca; jamais pais irão agir desta forma, mas essa situação em particular me marcou para a vida.

Cabe também falar do quão gostoso e importante é comprar as coisas junto com eles. Crianças que estão acolhidas ganham as coisas sem o direito de escolher cor, modelo etc. Quando essa autonomia lhes é propiciada é muito mágico; eles no fundo sentem medo, medo de escolher algo caro, e nós também (risos), então sempre estabelecemos valores, como já falei.

Imaginem como é legal quando saímos, seja para comprar uma havaiana ou comprar roupas, por exemplo. Ver os olhos delas brilhando e escolhendo suas coisas faz meu coração bater mil vezes mais, e eu apenas olho para o céu e agradeço a Deus por ter sido literalmente escolhida.

Então, se você vive toda essa espera, acalma seu coração, Deus lhe prepara diariamente para a missão mais honrosa de tua vida e todas as experiências que relato e tantas outras você irá saborear. O ato de acolher, para mim, é a coisa mais gratificante que nos aconteceu. E hoje eu posso dizer com total convicção: minha vida aqui na terra fez diferença para a vida de nossas filhas. Isso já me basta. Devemos deixar um legado, e eu quero deixar uma parte de mim em cada filho.

Ter encontrado essas quatro vidas foi um presente. Não foi acaso. Cada linha estava corretíssima. Cada lágrima foi valiosa para esse aprendizado. Se tenho estes seres com tanta luz e que fazem tanto bem para minha alma e hoje colocam tanto sentido em meus dias e em nossas vidas, só pode existir muito mais ainda por vir. Eu quero viver cada momento, cada conquista, cada desafio delas e com elas. Quero ver crescerem, serem o que quiserem ser, e, antes e acima de qualquer coisa, que sejam felizes.

E quando cansamos?

HÁ MOMENTOS DO QUAL atravessamos sem entender muito bem a razão pela qual vivenciamos determinadas situações. São nossos desertos.

E ninguém poderá vivê-lo por nós. São situações que nos mostram renascimentos essenciais, em que é preciso ressurgir das cinzas, buscar forças de onde não sabíamos existir. Os pensamentos ficam desgovernados, e algumas situações impossibilitam de ver o que há de belo por trás da montanha. É nesse momento que entra em cena a resiliência: quando todos os caminhos parecem esgotar-se, é hora de parar, aquietar a alma e o coração, ir em busca de si e reencontrar-se, o que não é fácil, mas quando se consegue é transformador.

São nesses desertos dolorosos que vamos caminhando mesmo sem saber para onde ir, mas, inconscientemente, vamos deixando o melhor de nós, porque nossa essência jamais muda.

E quando você vive essa experiência interior, você resgata a sua melhor versão e, com isso, ensinamos muito, por meio de nossas ações, pensamentos e de nossas palavras. Tenho vivido tudo isso. Ter me redescoberto nessa fase tem me apresentado um encantamento pela vida que eu desconhecia. Agora consigo me sentir segura no propósito que finalmente encontrei: que é transformar vidas! Falar sobre o poder do amor e sempre espalhar as sementes que tanto demorei para fazer germinar.

De tudo que sou, um pouco de minha mãe levo comigo. Ela, que como eu, sempre está para tudo. Só ela entendeu, com riqueza de detalhes e propriedade, sobre a força desse amor maternal. Quando partilhei com ela nosso desejo, ela não me chamou de louca, ela não me apontou, pois ela é ternura. Quando aprendemos a viver em função do bem que fazemos aos outros, encontramos sentido em tudo.

É tão simples ser feliz, é tão simples enxergar e compreender no simples o belo; na gota, o perfume; no céu, o sorriso.

Ainda não estou completa, ainda inacabada, porém forte e entendendo cada vez mais sobre mim mesma.

Posso afirmar que o amor cura o coração ferido; cura a alma lacerada, cura cicatrizes mal tratadas, cura emoções despedaçadas...

Acredite no poder do AMOR. Não duvide jamais.

Amar ainda é o melhor remédio. A adoção nos ensina tantas coisas, que temos a vaga impressão que nunca nada vivemos. Um abraço tem um poder descomunal, um “eu te amo” faz renascer sentimentos adormecidos e faz fortalecer os que estão vivos. Um “confia em papai, pois eu sempre estarei aqui” salva! Quando uma mãe diz: “Filho, vai, você consegue.” Isso faz resgatar a autoconfiança e a autoestima nessas crianças, fazendo com que acreditem em si. Essa tem sido nossa missão diária de vida, quando conseguimos fazer com que o outro se perceba e compreenda seu potencial no mundo. Transformamos esse em um ser forte, que tudo poderá suportar, sendo capaz de proteger suas emoções e seguir resiliente em busca de seu melhor e de seus maiores sonhos.

Eu queria ter tido a oportunidade de ter encontrado minhas filhas antes, claro, mas não posso questionar. Mesmo exigindo mais controle emocional, compreendo que esse crescimento é mútuo e tem me despido de mim para vestir-me do que, de fato, preciso ser.

Compreendendo que cada dia é uma página que se escreve, e que cada momento é uma oportunidade de ser e fazer melhor, de ensinar e, acima de tudo, de aprender, espero o dia em que olharei no fundo dos olhos de todos os meus filhos e verei o que ficou semeado, verei os frutos das conversas, das lágrimas, dos diálogos difíceis, dos inúmeros monólogos que a adoção me apresentou, mas que, pacientemente, fomos trabalhando. Sei que o futuro delas será mais suave após tudo isso.

Naionara encerrou o Ensino Médio e está prestes a iniciar a Faculdade de Ciências Contábeis. Depois de vários estudos e pesquisas sobre a profissão a seguir, ela decidiu pelo curso e esse será mais um

ciclo que se abre para ela e nos sentimos gratos pelas conquistas de nossa filha e de como ela foi guerreira nesses anos. Ela também começou a trabalhar e nos surpreendeu com sua autoconfiança e tranquilidade. Tenham certeza de que a ansiedade dessa mãe que vos fala é maior que a dela. É um sentimento de que as primeiras sementes estão germinando, porém há muito ainda a semear.

É fundamental enfatizar a capacidade que nossos filhos possuem, suas habilidades e vocações. Resgatar-lhes a autoestima, tudo isso implica em lidar com inseguranças, medos e com o passado. Ressurgem neles situações dolorosas, resquícios de vida, ou melhor, de “não vida” se posso assim chamar. Mediante a injeção de autoconfiança, essa cura vai acontecendo, mas é no seio familiar que essas cicatrizes vão sendo tratadas diariamente até chegar ao ponto em que falar “sobre” não seja, de fato, doloroso. Nesse momento, falar do passado será algo já superado, é aí que mora o perdão.

Então esteja pronto(a) para lidar com o que vier, mas enxergue em tudo leveza. Isso é algo que ajuda a minimizar tudo aquilo que maximizamos desnecessariamente, porque vivemos a sofrer antes da hora.

Haverá muitas conversas, sim, e terá tempo para cada tema. Isso vai ocorrendo de uma maneira tão natural que, quando percebemos, já estamos inseridos nas palavras. Cabe a nós plantar essa cura nos corações de nossos filhos, sempre gerindo da melhor forma as emoções (as deles e as nossas). Deixe seu melhor em cada filho; falo das suas melhores palavras, seus melhores abraços, seus melhores beijos... Todas as sementes germinarão, tenha certeza disso, nada será “palavras ao vento”, serão, sim, palavras ao coração.

Outra situação que certamente irá surgir é sobre receber carinho e dar carinho. O que, para nós, é muito natural, para nossos filhos pode requerer tempo. Entenda que é necessário tempo para adentrar nesse novo ser que você acolheu. Muitas vezes, um simples abraço parece algo ameaçador, então, por isso, faz-se tão especial o desenvolvimento da confiança afetiva, vínculo que só caberá a você e seu filho construir e fazer crescer. Pode levar tempo, ou não, mas na

hora que você receber de volta esse carinho, sem dúvidas, será o abraço mais delicioso de sua vida.

Por não sabermos como tudo se deu, muitas vezes a criança não fala. Ela também pode não entender, ela apenas se esguia do abraço, do beijo. Pode ser um ato involuntário ou mesmo uma atitude de defesa, mas quando você consegue mostrar que seu abraço é o local mais seguro que ela possa estar, você consegue vencer todas as barreiras afetivas mal implantadas nessa criança ou nesse adolescente.

Apenas agora, após quatro anos, nossa filha mais velha se libertou desse “medo” de se jogar num abraço. Para isso, precisei conversar muito, falar muito... foram incontáveis monólogos. Na verdade, tornei-me quase “terapeuta”, de tanto buscar conhecer e tanto conversar literalmente sozinha, pois nada ela falava. Nenhuma pergunta ela respondia, mas eu sabia que ela ouvia e compreendia, isso já era um bom começo.

Continuo afirmando que o amor tudo cura. Acredite no poder do seu amor sempre.

Uma coisa que me ocorreu e queria partilhar com vocês: sabe cheiro de filho?

Filho tem cheiro, cada um tem o seu; lembra o cheiro do bebê quando nasce? É um cheiro característico que sentimos quando nosso filho nos é apresentado logo em seguida ao parto. Pois bem, após aquele cheiro, encontramos outro cheiro, cheiro de pele de filho, que é peculiar a cada um; o cheiro que faz nosso coração bater mais forte, o cheiro de pele sem que haja nenhum tipo de essência, o que chamamos de “cheirinho natural”.

Algo me deixava triste... Por muito tempo beijei minhas filhas ainda sentindo o cheiro delas quando estavam no abrigo. Era como se todos os perfumes e cremes fossem incapazes de sucumbir aquele cheiro característico daquela época, e não era um cheiro ruim, mas é que meu desejo instintivo de mãe queria fazer brotar o novo cheiro.

Isso me intrigava, entristecia e eu não entendia, porém hoje eu consigo compreender que até isso foi para mim uma forma de pertencimento, pois esse cheiro desapareceu e hoje eu consigo

identificar o cheiro de cada uma delas, sem estranheza, e sem tristeza como antes.

Gente, vocês não sabem como eu vibrei quando isso aconteceu, e isso é muito recente, foi pouco antes da audiência final. Entendi que meu corpo só agora identificou esse cheiro, e, quando percebi isso, beijando-as, as lágrimas rolavam; parecia que, de fato, o meu parto ocorrera naquele momento.

Minha análise disso foi a seguinte: assim como tudo em nossa vida é uma construção, o amor em sua forma mais verdadeira e profunda se concretizou em mim daquela maneira. Por meio da identificação do cheiro, nasceu a mãe plena e inteira para Naionara, Victória, Ísis e Anne.

Espero que vocês me entendam! Será que consigo?

Essa inteireza que buscamos ser para o outro leva muito de nós, transforma a quem tocamos. Esse amor, essa doação transcende qualquer explicação científica. É peculiar da maternidade/paternidade, que parece, pois, aflorar com o ato da adoção. O amor é o mesmo, sendo biológicos ou não. Uma forma de amor baseada na proteção, mas, acima de tudo, é como se todo amor passasse a ser insuficiente. Existe, em cada adotante, uma imensidão de questionamentos, mas apenas o amor vale, todo o resto é organizável, resolúvel, entendem?

Buscamos ser os melhores pais em todos os aspectos. Com a adoção, nossos sentidos parecem tornar-se mais aguçados. A escuta, a paciência, a vontade de dar colo, de ser colo, ser abrigo, a vontade de falar, orientar, guiar, repetir (risos).

Nada é cansativo, pois a ansiedade em ver o que conseguiremos deixar neles e para eles é maior que tudo; parece querer esvaziar-nos e colocar em nossos filhos todas as informações que adquirimos ao longo da vida. Calma! Pelo amor de Deus, isso é uma forma de tentar explicar o que sentimos; são sensações. Na prática, tudo tem seu tempo. Lembrem-se.

Vamos ficando tão autoconfiantes que aprendemos a identificar quem é o que tem mais prioridade em cada um, até porque, no nosso

caso, somos um pai e uma mãe para seis filhos.

A audiência final

FORAM EXATOS 589 DIAS, especificamente 14.136 horas esperando esse momento, esse desfecho emocionante, e considerado até improvável. Nossa audiência de adoção aconteceu em 26 de agosto de 2021, às 10 horas, de forma virtual e não menos linda, fora proferido o pedido de adoção sendo favorável a nós, Hélder e Naiany, oficialmente pais de Joelma Victória Barros Arruda, Ísis Juliana Barros Arruda e Anne Mirian Barros Arruda. Agora definitivamente nossas filhas.

E, assim, coloco uma reticência neste livro, no qual todo o amor que existe em mim foi colocado por meio das palavras. Que este livro possa ser uma ferramenta de incentivo aos atuais e futuros adotantes no desejo imenso de que a adoção tardia seja difundida, pois, como já partilhei, para amar não há tempo cronológico. Faz-se urgente nesses casos, e que possamos garantir a essas crianças e adolescentes o direito de viver e de sonhar, de ser e fazer a diferença no mundo.

Atualmente, nossas vidas, minha e de meu esposo, são dedicadas à construção da cidadania de nossos filhos, da formação do caráter, do aprimoramento nos momentos de erro, da enfatização do perdão, da importância da cooperação, do empoderamento, das descobertas de suas habilidades, gostos, desejos e preferências e do ensinamento sobre o significado gigante de família.

Nosso sonho é que nossas filhas acolhidas pela via da adoção tornem-se mulheres confiantes, que saibam que elas podem ser o que quiserem, tendo em vista que, para os que sonham e possuem metas e foco, o céu é o limite!

Quero fechar esse relato com trechos de uma poesia de Allan Dias, poeta que eu conheci durante esses escritos e que passei a seguir, uma pessoa que fala com a alma e o coração e que, com sua poesia,

finda em nós o sentimento que queremos deixar para nossos filhos um dia: SAUDADE.

Mas uma saudade boa de sentir, boa de reviver, sem tristeza. Uma saudade com um sorriso no rosto.

O Colecionador de Saudades

Por: Allan Dias Castro

(trecho do poema)

Feliz quem sente saudade

Pois é sinal de que um dia dividiu

A saudade que sentiu...

Feliz quem deixa saudade

Porque se daqui não se leva nem

Metade, só o que foi nosso de

Verdade é o que deixamos no outro

Quando a gente partiu;

Será que viver é colecionar saudades até deixar?

Às vezes me pego rindo sozinho, lembrando da família,

Dos meus primos e de quanto nós rimos, de quantos natais,

De outros carnavais;

E quando fecho os olhos para rever tudo que já senti, eu sinto saudade

Dos meus amigos de sempre, que eu nunca mais vi;

Será que viver é colecionar saudades até deixar?

Eu só sei que não deixo mais o momento passar,

Cada chance que tenho de lembrar, eu aproveito

Porque ocultar o sentimento de vazio é fazer a dor ecoar no peito...

Por isso eu parei de brigar com a saudade, quando bate eu não revido

A recebo com um abraço e me sinto abraçado por tanto sentimento recebido,

E pra não viver de passado, eu vivo com quem está do lado o que

vou gostar de lembrar,

Assim eu sigo, colecionando saudades até deixar...

Allan Dias Castro

E é só isso,

“É saudade... saudade que quero plantar, saudade que quero deixar”

Naiany Arruda

Até breve...

Caruaru, 1 de setembro de 2021, às 15h34.

Sumário

Prefácio

O começo...

Aos meus filhos!

Dos sonhos de infância aos sonhos reais

Resiliência, recomeços e ressignificação: como essas palavras podem mudar nossas vidas?

A importância de alimentar sonhos e fazer brotar novos desejos em nossos filhos

Meu mundo, meus filhos...

A grandiosa missão de formar pessoas para a vida

Quais as lembranças que nossos filhos irão eternizar?

Minhas filhas não estavam para adoção, mas o impossível aconteceu!

As conquistas de nossos filhos são nossas conquistas

Um relato de amor, um presente comprado para o pai

E quando cansamos?

A audiência final

O Colecionador de Saudades

Sobre a Viseu

Sobre a Viseu



Essa e outras obras em:

eviseu.com

Saiba mais em:

editoraviseu

Contatos:

contato@editoraviseu.com

Quer enviar sua obra para nossa avaliação?

originais@editoraviseu.com